

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

DAYANE SOARES MAGALHÃES

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO *ETHOS* EM ESCRITOS DE PAGU

CAETITÉ
2022

DAYANE SOARES MAGALHÃES

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO *ETHOS* EM ESCRITOS DE PAGU

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito para obtenção do certificado de conclusão de curso.

Orientadora: Sidnay Fernandes dos Santos Silva

CAETITÉ
2022

“Evelyn era uma mulher de uma complexidade tremenda, e o tempo que passei com ela foi tão complicado quanto sua imagem, sua vida e a lenda que se construiu ao redor de sua figura. Até hoje me esforço para entender quem foi Evelyn e o impacto que exerceu sobre mim. Em determinadas ocasiões pareço convencida de que a admiro mais que qualquer pessoa que conheci, e em outras penso nela como uma mentirosa e traidora.”

(Taylor Jenkins Reide).

RESUMO

Pagu é uma personalidade da história muito aclamada nos dias atuais, considerada símbolo de emancipação, resistência, irreverência, polêmica e subversão. Todavia, diante do contato com seus escritos, surgiu uma inquietação em relação ao que ela diz sobre si e o que os outros dizem sobre ela. Posto isso, o objetivo desta pesquisa é analisar as imagens que Pagu constrói sobre si, através do corpus que se constitui de textos da coluna *A mulher do Povo* (1931) e a obra *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (1940). A pesquisa se situa no campo da Análise do Discurso com ênfase na noção de *ethos* (MAINGUENEAU, 2008, 2020). O corpus foi agrupado por temas, tendo em vista, a noção de unidades não tópicas e atrelada a ela a de temas e chaves, desenvolvidas por Maingueneau (2015). Nessa perspectiva, apresentamos a análise discursiva a partir desses temas: a) O antagonismo entre o eu revolucionário e outras mulheres; b) A singularidade inerente; c) A vontade determinante contra todos os estabelecidos; d) A dissimulação e a dor do ser; e) A descoberta do corpo e do prazer sexual; f) Os conflitos nos sentimentos maternos; e g) A resignação e a desilusão com o Partido Comunista. Ao fim deste empreendimento, considera-se que a enunciadora nos textos de *A mulher do Povo* se apresenta a partir do *ethos* dito de mulher revolucionária, mas o *ethos* mostrado traz a luz uma mulher ansiosa por uma causa e inexperiente, por demonstrar falta de propriedade sobre as acusações feitas. Na carta autobiográfica, as imagens construídas são de mulher consciente de suas escolhas e que apresenta diversas facetas da Pagu do passado e do presente, complexa e múltipla e não são tão delimitadas quanto as que circulam no imaginário brasileiro.

Palavras-chave: Pagu; Ethos Discursivo; Análise do Discurso.

RESUMEN

Pagu es una personalidad de la historia muy aclamada en los días actuales, considerada símbolo de emancipación, resistencia, irreverencia, polémica y subversión. Sin embargo, ante el contacto con sus escritos surgió una inquietud en relación a lo que dice de sí misma y lo que dicen los demás de ella. Dicho esto, el objetivo de esta investigación es analizar las imágenes que Pagu construye sobre sí misma, a través del corpus que se compone de textos de la columna *A Mulher do Povo* (1931) y de la obra *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (1940). La investigación se sitúa en el campo del Análisis del Discurso con énfasis en la noción de *ethos* (MAINGUENEAU, 2008, 2020). El *corpus* fue agrupado por temas, considerando la noción de *unidades no tópicas* y ligada a ella, la de *temas y claves*, desarrolladas por Maingueneau (2015). En esa perspectiva, presentamos el análisis discursivo a partir de estos temas: a) El antagonismo entre el yo revolucionario y las otras mujeres; b) La singularidad inherente; c) La voluntad decisiva contra todo lo establecido; d) El disimulo y el dolor del ser; e) El descubrimiento del cuerpo y el placer sexual; f) Los conflictos en los sentimientos maternos; y g) Resignación y desilusión con el Partido Comunista. Al final de este emprendimiento, se considera que la enunciadora en los textos de *A Mulher do Povo* se presenta desde el *ethos* dicho de una mujer revolucionaria, pero el *ethos* mostrado trae a la luz una mujer ansiosa por una causa e inexperta, por demostrar una falta de propiedad sobre las acusaciones hechas. En la carta autobiográfica, las imágenes construidas son de una mujer consciente de sus

elecciones y que presenta varias facetas de Págu del pasado y del presente, compleja y múltiple y no tan delimitadas como las que circulan en el imaginario brasileño.

Palabras llave: Págu; *Ethos* Discursivo; Análisis del Discurso.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	ANÁLISE DO DISCURSO: PERCURSOS HISTÓRICOS E NOÇÕES	9
2.1	Construções iniciais do campo teórico da Análise de Discurso	9
2.2	A noção de discurso em Dominique Maingueneau	12
3	ETHOS DISCURSIVO	15
3.1	Ethos: na retórica e na análise do discurso	15
3.2	Ambivalências do <i>Ethos</i>	17
3.3	Incorporação	17
3.4	Dimensões do ethos	19
4	TEMAS E CHAVES: RECORTE METODOLÓGICO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	20
5	A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO de PAGU	23
5.1	A mulher do Povo	25
5.1.1	O antagonismo entre o eu revolucionário e as outras mulheres	26
5.2	Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão	32
5.2.1	A singularidade inerente	33
5.2.2	A vontade determinante contra todos os estabelecidos	35
5.2.3	A dissimulação e a dor do ser	37
5.2.4	A descoberta do corpo e do prazer sexual	38
5.2.5	Os conflitos nos sentimentos maternos.....	39
5.2.6	A resignação e a desilusão com o Partido Comunista.	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
7	REFERÊNCIAS	47
8	ANEXOS.....	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

No romance de Taylor Jenkins Reid (2019), *Os sete maridos de Evelyn Hugo*, Evelyn Hugo, uma atriz famosa e bastante polêmica, à beira da morte, escolhe uma jornalista para escrever sua biografia. O processo de escuta da jornalista, Monique Grant, é bastante conflituoso, devido a escolhas feitas pela atriz na construção e manutenção de uma carreira de sucesso. Após a morte de Evelyn, Monique publica um comentário sobre sua relação com ela, do qual foi retirada a epígrafe deste trabalho. Embora Evelyn e Pagu não sejam parecidas em ações, os sentimentos de Monique, diante da personalidade da atriz, representam fortemente os sentimentos que se fizeram constantes ao longo desta pesquisa, trocando apenas os adjetivos finais de mentirosa e traidora por imatura e contraditória.

Em junho de 2020, foi transmitida a aula *Pagu, liberdade sexual feminina, opressão e diversidade*, ministrada por Natália Trindade no curso *Feminismo: por que lutamos?* organizado por Manuela D'Ávila, no *YouTube*. A fala da palestrante provocou curiosidades pela empolgação com que ela relatou os feitos de Pagu. Despertou curiosidade também porque algumas ações, tratadas na aula, demonstravam paixão, coragem, solidariedade e resistência. Por isso, as informações conhecidas naquele momento foram primordiais para o interesse em ler mais sobre Pagu.

Vivendo num período em que as mulheres ainda não votavam (1910 – 1962) no Brasil e em grande parte do mundo, Patrícia Galvão dedicou-se às artes, sendo desenhista, romancista, contista, poeta, musa do Modernismo, diretora e crítica de teatro, foi jornalista, tradutora de obras de autores como Octavio Paz, Marlamé e Joyce (HOLANDA, 2014, p. 27), militante política, a primeira presa política do Brasil, incentivadora da cultura brasileira e universal. Teceu críticas sobre muitos temas e a muitas pessoas, escreveu sobre muitos assuntos: literatura, ideias marxistas, sociedade burguesa, desigualdade de gênero no casamento e na luta política, entre outros.

Hoje, seu nome tornou-se um ícone que carrega muitos significados positivos, principalmente para o feminismo. Como coloca Sarah Pinto de Holanda, “Um estandarte é erguido cada vez que a palavra Pagu é evocada. Quase uma sigla-manifesto, esse nome é signo de luta, irreverência, paixão e independência: bandeira da causa feminina, do proletariado e da arte.” (2014, p. 10). Em uma resenha que trata da vida e obra de Patrícia Galvão publicada nos *Cadernos Pagu*, a autora, Heloisa Pontes, a introduz dessa maneira: “Polêmica, irreverente, emancipada. Tais são os qualificativos que mais fortemente marcaram o imaginário construído

em torno da figura pública de Patrícia Galvão [...]” (2006, p. 431). Essa mesma resenha tem um título que sugere uma imagem atribuída à Pagu: *Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo*. Fazendo referência ao comportamento contrário ao exigido pela sociedade brasileira daquela época.

Mas nem sempre Pagu foi reconhecida com adjetivos como os citados acima, muitas vezes ela foi evitada, condenada, esquecida, adjetivada de *femme fatale* (mulher fatal). Em uma passagem do livro de Augusto de Campos, *Pagu: vida-obra*, a desvalorização de Pagu é mencionada:

‘Não a amamos devidamente em nossa pequenez’, proclamou Geraldo Ferraz, no patético depoimento que escreveu, ao noticiar a morte de Patrícia Galvão. Culpa dos seus contemporâneos, que ocultaram de nós essa figura tão rica, humana e lúcida? Ou culpa dela própria, por ter sido mais revolucionária do que eles? É mais do que tempo de a amarmos como merece. (CAMPOS, 2014, p. 21).

No engajamento político, seus sacrifícios não eram reconhecidos pelo partido comunista brasileiro. Um exemplo disso é o repúdio do partido à obra *Parque Industrial* que demonstra certa desidentificação do público da época com seus escritos, o romance proletário foi escrito com o intuito de contribuir intelectualmente e provar sua lealdade ao partido comunista, quando foi afastada dele. Ele se configura como um panfleto convite para a luta de classes, assim afirma Holanda (2014, p. 15), “O livro passou quase despercebido pelos críticos da época e foi terrivelmente repudiado pelo partido que o classificou de pornográfico e feminista”. Nota-se que não havia espaço para o feminismo dentro da luta de classes da época. Nesse escrito, Pagu, com pseudônimo de Mara Lobo, aborda principalmente a vida de mulheres operárias e prostitutas que sofriam as mazelas causadas pelo sistema capitalista naquele início de industrialização do Brasil.

Na aula intitulada *Pagu: Liberdade sexual feminina, opressão e diversidade* já mencionada aqui, Natália Trindade comenta que “Pagu, por muito tempo, virou um palavrão (...)”:

Minha vó nunca deixou eu falar Pagu, porque Pagu na cabeça dela significava coisas horríveis. Então era uma mulher que não era ‘direita’, que tinha sua sexualidade a florada, então, a Pagu virou um mito, uma imagem, de louca de devasta, enfim, o fato é que ela viveu diferente do que era dado para as mulheres da sua época. (informação verbal, 2020).

O comportamento irreverente da artista despertava, nas mães de suas amigas, preocupação, de modo que elas afastavam suas filhas da jovem Pagu.

De fato, ainda criança Patrícia se mostrava intrigada com as reservas de algumas mães de suas amiguinhas da vizinhança, que a desencorajavam – às vezes, opunha-se explicitamente – de frequentar suas casas. Tais restrições, como era praxe nas boas famílias de então, podem razoavelmente ter decorrido

da observação – por mães zelosas e atentas aos bons costumes – de condutas impróprias da menina Patrícia nas suas brincadeiras infantis. Nessas parecia já despertar o germe da irreverência, do atrevimento, marca inconfundível da personalidade de Patrícia na adolescência e na vida adulta. (FREIRE, 2008, p. 33).

Tereza Freire (2008) descreve a complexidade da existência de Pagu na introdução do livro *Dos escombros de Pagu: um recorte biográfico de Patrícia Galvão*, no qual ela analisa as escolhas da artista.

Se analisada de forma superficial e ligeira, a trajetória de Pagu pode ser percebida com um caudal de atos de egoísmo e inconsequente rebeldia. Nada menos exato, sem fundamento no itinerário de sua vida e **pistas de significados que deixou**.

Aprofundando-se a análise de suas escolhas, uma a uma, por meio dos textos que escreveu e tendo presentes os condicionamentos que cercavam a tomada de decisões, o que sobressai é uma quase inesgotável fonte de energia humana, sempre no encaicho da beleza, da verdade, da mudança, da superação, da liberdade, da justiça, da resistência física e moral às adversidades. É um olho-d'água, na verdade um manancial, escorrendo imensa generosidade para com o estivador ou para com o operário desconhecido, no cais ou na fábrica. A bondade inerente aos seus atos políticos e de amor – amor por aquele que morreu nos seus braços no porto de Santos, por seu marido infiel e por seu marido fiel, amor por seus filhos de um e de outro –, era, por ser coerente e radical, em essência, motivo de incompreensão por seus familiares, pelos artistas que a queriam *musa* e não *medusa*, pelos correligionários comunistas que a queriam submissa, pelos contemporâneos que depois da última prisão a queriam Pagu e a rejeitaram como Patrícia. (grifo nosso). (FREIRE, 2008, p. 20-21).

Por essa síntese da longa análise feita por Freire (2008) sobre as escolhas de Pagu, têm-se uma ideia da diversidade de visões e das contrariedades e sofrimentos experimentados por ela.

Alguns estudos parecidos com o desta pesquisa já foram desenvolvidos como esse agora citado, de Tereza Freire (2008), que apresenta, em seu livro, as escolhas que Pagu fez durante a vida. Karine Rocha (2016), em seu artigo *Paixão Pagu: a desconstrução do mito da femme fatale*, analisa a vivência sexual de Patrícia Galvão através de trechos do livro *Paixão Pagu*. (ROCHA, 2016, p. 1). Sarah Pinto de Holanda (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada *Um caminho à liberdade: o legado de Pagu*, almejou fazer um percurso pela trajetória da “vida-literatura” de Patrícia, dando ênfase à obra *Parque Industrial*. Evandro Rocha e Lígia Lana (2018), em seu artigo *Imagens de Pagu: trajetória midiática e construção de um mito*, aproximam-se um pouco da questão posta neste projeto: investigam a trajetória midiática da artista e sugerem hipóteses para explicar o sumiço e ressurgimento das imagens pagunianas no imaginário brasileiro.

A partir das fontes citadas acima, foi possível observar que o imaginário de emancipação, resistência, irreverência, polêmica e subversão é associado ao nome Pagu. No

entanto, ao ler a longa carta *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, publicada postumamente, não foi possível enxergar exatamente a Pagu apresentada na aula, nas homenagens de 110 anos e em trabalhos acadêmicos sobre ela. Isso porque na carta, ela fala de sentimentos íntimos, que só poderiam ser ditos por ela.

Holanda (2014) sugere que a imagem que Pagu representou foi, por muito tempo, forjada por outras pessoas e aceita por ela: “É necessário penetrar nas reentrâncias de seus textos autobiográficos, quando sua escrita volta-se para si mesma e retira a máscara que lhe foi oferecida e que ela, aparentemente, por um bom tempo aceitou.” (p. 19 a 20).

Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão foi uma longa carta escrita aos 30 anos, quando ela vivia um forte sofrimento devido aos últimos cinco anos que passou presa durante o regime ditatorial do Estado Novo e conta sua vida, refletindo sobre suas escolhas no tocante à sexualidade, ao casamento com Oswald de Andrade, à maternidade e à militância no Partido Comunista.

Segundo Heloisa Pontes (2006), *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (2005) traz à tona uma Pagu mais complexa, diferente da visão dominante que foi construída a partir da publicação do livro *Pagu: vida e obra* de Augusto de Campos em 1982. “Figura emblemática do feminismo que se organizava na época, símbolo de mulher emancipada e libertária, escritora concretista ‘avant la lettre’, Patrícia Galvão virou uma espécie de ícone capaz de atender e preencher demandas e conteúdos diversos.” (PONTES, 2006, p. 433).

Faz-se necessário, portanto, um estudo que analise os textos da enunciativa, que foque na constituição do *ethos*, já que essa abordagem permite ao analista estudar as imagens que o enunciativo constrói sobre si mesmo ao enunciar. Assim, analisa-se as construções das imagens da enunciativa Pagu em discursos autobiográficos e jornalísticos. A pesquisa contribuiu para discutir sobre as imagens pagunianas que prevalecem no imaginário brasileiro e interpretar imagens que ela constrói de si mesma no corpus analítico desta pesquisa. Esse empreendimento se dá levando em conta o que argumenta Amossy (2005): toda vez que alguém toma a palavra, está sujeito à constituição de uma imagem de si, mesmo que inconscientemente.

Desse modo, pensando nos diversos sentidos em torno do nome *Pagu*, nas diferentes formas de reconhecê-lo, é que se chega ao seguinte problema de pesquisa: que imagens Pagu faz de si em seus enunciados? E por que a incorporação se dá de modos tão divergentes, no século XX e hoje?

Assim, surgem algumas questões hipotéticas sobre o problema de pesquisa: a) o *ethos* de Pagu não se resume à mulher subversiva e totalmente irreverente, como aparece no imaginário brasileiro; b) a incorporação ocorre de maneiras diferentes ao longo da história, de

acordo com a mudança de mentalidade da comunidade discursiva, já que a incorporação do *ethos* efetua-se relacionada aos estereótipos ligados aos mundos éticos dos enunciadores e co-enunciadores.

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar as imagens que Pagu constrói sobre si em textos da coluna *A mulher do Povo* (1931) e da obra *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (1940)¹. Os objetivos específicos que movem este estudo são: i) contextualizar o campo da Análise do Discurso e a teoria discursiva de Dominique Maingueneau; ii) apresentar um breve percurso teórico da noção de *ethos* nas discussões atuais propostas por Maingueneau; e iii) interpretar os modos que caracterizam a construção do *ethos* discursivo de Pagu, tendo em vista aspectos linguístico-discursivos.

As características do objeto, do problema, o modo de análise e a contribuição possível dessa pesquisa apontam para uma abordagem qualitativa, levando em conta o que Richardson (2012) considera pesquisa qualitativa:

Em princípio, podemos afirmar que, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (p. 80).

O desenvolvimento teórico e metodológico está ancorado na análise do discurso de linha francesa, pensada no início principalmente por Pêcheux a partir de 1969 com a publicação de *Análise Automática do Discurso*, e reformulada por outros estudiosos brasileiros e franceses mais contemporâneos que continuam a tradição da AD, como é o caso de Dominique Maingueneau estudioso no qual nos amparamos.

Esta monografia está organizada em 5 seções: esta introdução; 2 *Análise do Discurso: Percursos Históricos e Noções*; 3 *Ethos* discursivo; 4 *Temas e chaves: recorte metodológico e constituição do corpus*; e 5 *A construção do ethos discursivo em Pagu*.

Na seção 2, *Análise do discurso: percursos históricos e noções*, remonta-se alguns acontecimentos na história da análise do discurso.

Em seguida, a seção 3, *Ethos discursivo*, é dedicada à noção central da pesquisa, *ethos*, que foi por muito tempo atrelada à retórica, e nos anos 1980, na França, começou a ser discutida por alguns estudiosos em termos pragmáticos e discursivos. Segundo Maingueneau (2008),

¹ A obra foi escrita no ano de 1940 e publicada postumamente em 2005.

Ducrot (1984) leva o conceito de *ethos* para o campo enunciativo, enquanto ele propõe a construção de uma teoria para o conceito dentro da Análise do Discurso.

Na seção 4, *Temas e chaves: recorte metodológico e constituição do corpus*, discute-se a noção de unidades de análise, mais especificamente sobre unidades não tópicas, formação discursiva e temas e chaves. A discussão teórica é feita nas seções 2 *Análise do Discurso: Percursos Históricos e Noções*; 3 *Ethos* discursivo; 4 *Temas e chaves: recorte metodológico e constituição do corpus* é baseada em Maingueneau (2015, 2005), em primeira mão, Pêcheux, Haroche e Henry (2020), Malidier (2017) Foucault (2008), Santos (2010) e Soares, Sella e Costa-Hübes (2013) como complementos necessários.

A seção 5, *A construção do ethos discursivo em Pagu*, é dedicada ao agrupamento e à análise do corpus, antes, porém, explana sucintamente o contexto histórico das lutas de mulheres no período da vida de Pagu.

2 ANÁLISE DO DISCURSO: PERCURSOS HISTÓRICOS E NOÇÕES

2.1 Construções iniciais do campo teórico da Análise de Discurso

Embora, ao se falar em análise do discurso, haja associações imediatas aos estudos de M. Pêcheux, M. Foucault e M. Bakhtin, traçar um percurso histórico dessa disciplina não é fácil porque são muitos os pensamentos fundadores que deram forma a ela. Conforme discute Maingueneau (2015, p. 15):

Trata-se de um espaço de pesquisa fervilhante e que não pode ser remetido a um lugar de emergência exato. Atribui-se frequentemente um papel fundador a pensadores tais como E. Goffman, L. Wittgenstein, M. Foucault ou M. Bakhtin; indubitavelmente, eles tiveram um papel importante, mas a abordagem de cada um deles abrange apenas parte desse imenso campo, e nenhum deles recortou, mesmo com outro nome, um território que recobrisse mais ou menos o atual da análise do discurso. Só poderíamos construir uma história quase linear se nos restringíssemos a determinadas correntes.

Segundo Maingueneau (2015), no século XX falou-se muito em “virada linguística”, foi quando as discussões sobre o discurso contaram com contribuições da filosofia, baseadas no pensamento defendido por Wittgenstein, que passou a se preocupar com a análise da linguagem para o desenvolvimento do trabalho conceitual da filosofia. Houve também, naquele período, adesão maior da linguística às correntes pragmáticas que consideravam radicalmente a presença do contexto para a construção do sentido. O desenvolvimento de uma nova disciplina, a linguística textual, paralelo ao da AD, forneceu aos “(...) analistas do discurso instrumentos preciosos à da estruturação dos textos.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 17).

A primeira menção do termo “análise do discurso” foi feita por Harris (1952), com um artigo intitulado com esse nome, no entanto, Maingueneau (2015), já descarta a contribuição dos estudos do autor para as problemáticas atuais do discurso. A proposta de Harris, situada no campo estruturalista, visava analisar a estrutura textual. Ele propunha que a análise do texto partisse da estrutura interna para uma relação com cenário sócio-histórico fora do texto, aproximando-se do estruturalismo literário francês dos anos 1960, quando surgem as primeiras problematizações que fundaram a AD, ainda indefinidas e desagregadas.

Os anos de 1960 foram importantes para a análise do discurso e para o estruturalismo. Foi nesse período e na França que a análise do discurso foi definida com esse nome e como empreendimento teórico e metodológico. O estruturalismo teve seu auge no ano de 1966, enquanto a AD teve em 1969, quando foi publicado o número 13 da revista *Langages*, dedicado

à análise do discurso. É também nesse ano que são publicadas as obras *Análise automática do discurso* de Pêcheux e *Arqueologia do saber* de Foucault". (MAINGUENEAU, 2015).

Ainda sobre o número 13 da Revista *Langages*, que teve como responsável Jean Dubois, de acordo com Maingueneau (2015), aquele número contou com a publicação de estudiosos com visões diversas. O que, para ele, "(...) prefigura o que iria se passar a partir dos anos 1980 em escala Internacional: a inscrição, em um espaço comum, de pesquisas muito diversas." (p. 18). Então cita alguns estudiosos em suas respectivas correntes que comporiam o campo da AD: Hymes (1927-2019) com a etnografia da comunicação; Gumperz (1917-2011) que se aproximava da antropologia; Garfinkel (1917-2011) da teoria sociológica; Sacks (1935-1975) da análise da conversação; Goffman (1922-1982) que se dedicava ao estudo dos rituais cotidianos de interação principalmente na apresentação de si; posteriormente, com as teorias pós estruturalistas do discurso, M. Foucault e E. Laclau; bem como Judith Butler com os estudos culturais principalmente de gênero.

Jean Dubois, linguista, via no trabalho da AD um modo de trabalhar a linguística relacionando língua e sociedade, é Maingueneau (2015, p. 18) que trata sobre isso:

Em sua perspectiva, a análise do discurso aparece como uma disciplina na qual, primeiro, se estudam textos de todos os gêneros (o que rompe com as práticas mais restritivas das faculdades de letras, voltadas para corpora anaprestigiosos, particularmente os literários); segundo, com o auxílio de ferramentas tomadas de empréstimo à linguística; terceiro, com o objetivo de melhorar nossa compreensão das relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos. Essa concepção muito consensual da análise vai se difundir amplamente na França.

Além de Dubois, um nome importante para a AD é o de Michel Pêcheux. Este estudioso não participou da publicação organizada por Dubois, pois, conforme Maingueneau (2015), seu projeto era diferente da proposta linguística de Dubois. Pêcheux era um filósofo marxista especialista em história das ciências, de modo que seu interesse não era puramente linguístico. Sua contribuição inicial foi com o livro *Análise Automática do Discurso*. Denise Maldidier (2017, p.23) comenta as contribuições iniciais do estudioso que ocorrem paralelamente às mobilizações de Jean Dubois:

Michel Pêcheux, quanto a ele, trazia para pensar esta prática disciplinar algumas ideais fundamentais. Inicialmente, o conceito de "condições de produção", reformulação da noção descritiva de "circunstâncias" de um discurso. O conceito vindo do marxismo, era utilizado em psicologia social. Tratava-se de uma tentativa de caracterizar, nos termos de uma teoria social, os elementos do esquema de comunicação de Jakobson. A referência às condições de produção designava a concepção central de discurso determinado por um "exterior", como se dizia então, para evocar tudo o que, fora da linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui.

Segundo Maingueneau (2015), a análise do discurso de Michel Pêcheux é constituída de três bases de conhecimento que predominavam na época: o marxismo nas leituras de Althusser, a psicanálise por meio dos estudos de Lacan e a linguística estruturalista.

Seu procedimento é o de uma espécie de psicanalista do discurso animado por um projeto marxista, cujo alcance é simultaneamente político e epistemológico: procedendo a uma análise - leia-se “decomposição” - dos textos, procura-se revelar a ideologia que eles estão destinados a dissimular: significativamente, a palavra “analista” designa igualmente os psicanalistas e “análise”, a psicanálise. (MAINGUENEAU, 2015, p. 19).

Maingueneau posiciona Pêcheux não somente como um estudioso que liga as três áreas, mas como o pilar de releitura de uma, a linguística, no seu exercício de repensar a fala saussuriana, assim como Althusser faz com Marx e Lacan com Freud. Para mais, Maldidier (2015, p. 24), relata que Harris foi fundamental para pensar o dispositivo de análise proposto por Pêcheux em *Análise Automática do Discurso*. Foi nas classes de equivalência de Harris que Pêcheux se inspirou para a criação do esboço de análise linguística que se tratava de “(...) desfazer os encaixes da sintaxe reduzindo-os a enunciados elementares de um número de lugares fixo.” Pêcheux o considerava o inspirador do método e talvez do dispositivo.

A contribuição de Foucault com a obra *A arqueologia do saber*, por sua vez, é avaliada como indireta, porém expressiva, por Maingueneau (2015), ele afirma que para o filósofo, discurso não tem relação direta com a língua, portanto, considera a linguística dispensável aos estudos de discursos. Além disso, ele também recusava a procura de inconsciente textual como procedimento de análise. Mas a forma que Foucault pensou a AD não é muito diferente da forma pensada hoje por diversos estudiosos do discurso. Para ele (FOUCAULT, 2008), trata-se sucintamente de considerar o enunciado em sua estreiteza e singularidade, determinar as suas condições de existência, relacionar com outros enunciados, evidenciar a exclusão de outras formas de enunciação e o porquê dessa exclusão.

Foucault contribuiu bastante para a construção da noção de Formação Discursiva (doravante FD), que de acordo com ele, ocorre

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade e (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2008, p. 43, grifo do autor).

Conforme Soares, Sella e Costa-Hübes (2013, p. 265), nessa perspectiva, a FD passa a ser procurada na dispersão de lugares enunciativos, não mais em “(...) lugares enunciativos pensados como um exterior ideológico (...)”, a partir daí, a noção de condições de produção

também se torna mais complexa, passando a ser tomada como “articulação de um feixe de enunciações”.

Maingueneau, depois de fazer um pequeno percurso histórico da AD, chega aos anos 1980 período em que ingressa no campo de estudos da AD.

Passado o período de fundação, a análise do discurso francesa vai rapidamente mesclar as contribuições dessas três problemáticas iniciais e abrir-se a conceitos advindos das correntes pragmáticas, das teorias da enunciação, da linguística textual para abordar *corpora* diversificados. Podem-se citar os trabalhos de P. Charaudeau (1983-1997) sobre as mídias, os de S. Moirand sobre o discurso científico (1988) e sobre a imprensa escrita (2007), os meus sobre o discurso religioso (1984) ou o discurso literário (1993). Todas as pesquisas atribuem um papel central à noção de gêneros do discurso e se apoiam maciçamente sobre as teorias da enunciação linguística, que fornecem um quadro metodológico comum. Paralelamente, os trabalhos de inspiração norte-americana se difundem na França, em particular através dos estudos das conversas (Kerbrat-Orecchioni, 1990,1992). (MAINGUENEAU, 2015, p. 20-21).

As contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso serão discutidas na próxima subseção e em grande parte desta monografia, levando em conta a dimensão da importância de seus direcionamentos para a pesquisa.

2.2 A noção de discurso em Dominique Maingueneau

Maingueneau (2015) apresenta, em seu livro *Discurso e Análise do Discurso*, um conjunto aberto de ideias-força que são ativadas quando se pensa em discurso, nesse sentido, discurso é uma organização além da frase; uma forma de ação; interativo; contextualizado; assumido por um sujeito; regido por normas; assumido no bojo de um interdiscurso e tem o sentido construído socialmente.

É uma organização além da frase, o que não significa que o discurso apresenta dimensões de tamanho obrigatoriamente superiores à frase, mas que mobiliza estruturas diferentes das estruturas frasais. É também uma forma de ação, porque falar não é apenas representar o mundo, é também uma ação sobre o outro. Assim, toda enunciação é um ato (promete, sugere, afirma, pergunta).

Ele é interativo porque a verbalização é uma interatividade entre duas ou mais pessoas. A mais comum é a troca oral, na qual os enunciadorees coordenam suas enunciações de acordo com a atitude do outro e percebem o resultado de suas palavras sobre o outro. No entanto,

mesmo que algumas enunciações aparentem não ser interativas como uma conferência ou um escrito, são produzidas por meio da interatividade constitutiva, porque qualquer enunciação supõe a existência de um coenunciador. Por isso, Maingueneau (2015) afirma também que o discurso constrói socialmente o sentido porque não é estanque, um enunciado produz sentidos diferentes em diferentes lugares, tempos e pessoas, é sempre construído e reconstruído coletivamente.

Como explica Soares, Sella e Costa-Hübes (2013), na linguística sussuriana, ao contrário do que ocorre na AD, o significado de um signo é compreendido como pré-existente, independentemente da circunstância de enunciação. “A AD, por sua vez, desloca o sentido literal. Para essa vertente, não há sentido que se cola a um significante, mas um sentido que lhe é dado a partir de uma formação discursiva”. (SOARES, SELLA e COSTA-HÜBES (2013, p. 267).

De modo que, o discurso se caracteriza também como contextualizado, essa característica não o restringe a uma moldura, a um cenário no qual se enuncia, na realidade, um enunciado não tem sentido fora de um contexto. Ou seja, para entender um enunciado é preciso que os coenunciadores estejam cientes das condições de enunciação nas quais eles foram produzidos, essa consciência pode existir naturalmente pelo fato de o coenunciador fazer parte daquele contexto, ou por estudos em caso de discursos alhures e antes.

Para além de tudo isso, o discurso é assumido pelo sujeito e só pode existir a partir de um sujeito que faz referências pessoais sobre si, sobre o espaço e sobre o tempo, e ainda indica quem é o responsável pelo que diz: ele mesmo, outra pessoa, quando faz uma citação. Entretanto, Maingueneau (2015) ressalta que, em análise do discurso, o sujeito não é considerado ponto de origem do dizer, a fala vem de um dispositivo de comunicação que a domina.

O discurso é regido por normas, isso porque existem regras que regem as trocas verbais: ser compreensível, não ter repetições, apresentar certas características dentro de certo gênero, visto que o gênero discursivo causa expectativas aos coenunciadores etc. Nas palavras de Maingueneau (2015, p. 28): “Nenhum ato de enunciação pode ocorrer sem justificar de uma forma ou de outra de se apresentar tal como se apresenta. Trabalho de legitimação inseparável do registro da fala.”

Ademais, o discurso é assumido no bojo do interdiscurso, uma relação entre dizeres históricos resgatados pela memória os quais se apoiam ou se contrapõem de alguma maneira, de forma consciente ou não. De algum modo, tudo que é dito já foi dito em outro tempo, em outro lugar, de formas diferentes. Em outras palavras, o discurso tem caráter polifônico, pois

ele existe sempre em relação a outros discursos, outras vozes, com as quais dialoga. Esse diálogo pode ser de concordância, de discordância ou de parcialidade. Nos termos de Indursky (2011), pode haver, “identificação”, “desidentificação” ou “contra-identificação”. Sendo a última aquela situação em que o interlocutor concorda em partes com algum outro dizer que está presente em sua fala através do interdiscurso. Assim, o discurso é sempre formado por outras vozes, é assim que ele se constrói: numa rede de discursos que interagem entre si constantemente. Segundo Soares, Salles e Costa-Hubes (2013) é reformulando as noções de Pêcheux e Courtine que Maingueneau pensa interdiscurso, no entanto, recorre a outros três conceitos para explicar a interdiscursividade: “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo”.

O primeiro compreende o conjunto de discursos que existem e interagem em determinada conjuntura social, eles são finitos, mas inconcebíveis em sua totalidade. Por isso, precisam ser recortados em campos discursivos. Estes, por sua vez, se formam por um conjunto de formações discursivas diferentes, elas estabelecem fronteiras que permitem um recorte, são exemplos de campos discursivos o político, o filosófico, o religioso, o literário, o educacional entre outros. No interior desses campos, são delimitados espaços que são subconjuntos do campo discursivo, nele se unem no mínimo duas FDs que se relacionam de forma privilegiada. Esse espaço discursivo é delimitado pelo analista de acordo com os objetivos e hipóteses de sua pesquisa. (MAINGUENEAU, 2005, p. 113).

A categorização é inevitável no universo discursivo, afirma Maingueneau (2015). Os próprios falantes estão constantemente em via de identificação das atividades discursivas nas quais estão inseridos, quando se diz, por exemplo, “escrevo esta carta para”, “estou lendo este romance”, “acabo de receber a notícia”, “eu ouvi a homília” entre outros. Os analistas de discursos também categorizam o discurso, por isso, na seção 4, serão apresentadas as unidades de análise propostas por Maingueneau, bem como, as delimitações feitas para essa pesquisa. Pois, como comentam Soares Sella e Costa-Hübes (2013, p. 270), uma das maiores contribuições de Maingueneau à análise do discurso “(...) estaria justamente em avaliar a forma como o analista deve proceder para lidar com determinado corpus (...).

3 ETHOS DISCURSIVO

3.1 Ethos: na retórica e na análise do discurso

Além de discurso, outra noção fundamental é a de *ethos* que foi por muito tempo atrelada à retórica, mas que nos anos 1980, na França, começa a ser pensado por alguns estudiosos em termos pragmáticos ou discursivos. Maingueneau (2008) elucida que Ducrot (1984) leva o conceito de *ethos* para o campo enunciativo, enquanto ele propõe a construção de uma teoria para o conceito dentro da Análise do Discurso.

A noção trabalhada hoje por Maingueneau na análise do discurso já é bastante antiga. Ela foi destacada na atividade verbal e teorizada ainda na Grécia antiga, no campo da arte oratória, desenvolvida por Aristóteles. Segundo o qual, ser aprovado por meio do *ethos* significa causar uma boa impressão, ganhar a confiança do público como pessoa de bem. Aristóteles reforça essa ideia quando iguala a noção de *ethos* à noção de caráter: “Persuadimos pelo caráter (=ethos)” (ARISTÓTELES, 1356 *apud* MAINGUENEUAU, 2020, p. 9).

Já Maingueneau (2008), espelhado na perspectiva da retórica, afirma que “a prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança.” Na enunciação discursiva, a construção da imagem psicológica e sociológica do orador mobiliza gestos, olhar, tom de voz, mímicas, modulação da fala, das palavras e dos argumentos, adornos, vestimentas e símbolos.

De modo bastante conceitual, Maingueneau (2020) observa que “Estudar o *Ethos* é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (p. 09). É importante esclarecer que o locutor faz parte de uma comunidade que supostamente compartilha valores, esses valores regem a fala do locutor, em sua tentativa, mais ou menos consciente, de construir uma imagem que lhe seja favorável em relação à avaliação do destinatário. Isso não significa que a imagem construída esteja sempre em conformidade com os valores partilhados na sociedade em questão. Muitas vezes, essa relação pode ser conflitante, no entanto, estará atrelada à alguma FD, seja ela dominante ou não.

Nas palavras de Ruth Amossy (2016, p. 09), toda fala resulta na construção da imagem do locutor pelo destinatário, sem que o locutor precise falar explicitamente sobre si “Seu estilo,

suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. A apresentação de si ocorre de forma natural em qualquer situação verbal, seja nas mais elaboradas como discursos políticos e publicitários seja em conversas cotidianas, não se trata de um artifício calculado, o que não impede que isso também ocorra.

Maingueneau (2020, p.12) explica que em grego *ethos* assume um sentido polissêmico, e Aristóteles joga com a polissemia da palavra ao pensar o conceito: a) a palavra mantém vínculo estreito com a ideia de si contida no pronome reflexivo e; b) a palavra diz respeito a determinados costumes ou comportamentos, nesta, “o termo *ethos* designa propriedades atribuídas ao orador enquanto ele enuncia, assim como disposições estáveis conferidas a indivíduos inseridos em coletividade”, como exemplo, pode haver um *ethos* específico de algum partido político.

No entanto, conforme pondera Maingueneau (2020), em Aristóteles, *ethos* é tratado menos como um conceito definido com rigor do que como um conceito heurístico. Assim, o distingue como potencial e como noção, no primeiro caso, ele não se origina de nenhum campo, já no segundo caso, ele deriva de certo espaço interdisciplinar, como, ciência política, antropologia, sociologia, musicologia. Nas ciências da linguagem, na qual está inserida a análise do discurso, implicitamente existe um acordo a respeito de algumas ideias fundamentais: “o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói mediante o discurso, não se trata de uma ‘imagem’ do locutor externa à fala”; “ele está vinculado a um processo interativo de influência de outros”; “é uma noção híbrida (sócio/discursiva), um comportamento social avaliado, que só pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação histórica e socialmente determinada”. (p.13).

O exercício mais ou menos consciente de construção do *ethos* ocorre no processo de enunciação, portanto, todos os recursos que contribuem para moldar uma imagem são colocados à prova na retórica. Então, são considerados

Tom de voz, ritmo da fala, seleção vocabular e argumentos, gestos, expressão facial, olhar, postura, figurino etc. são igualmente signos, elocutórios e oratórios, indumentários e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica (DECLERCQ, 1992, p. 48 *apud* MAINGUENEAU, 2020, p. 10).

Esses elementos, no entanto, não contribuem para uma representação estática, mas dinâmica montada pelo destinatário a partir dos elementos que são disponibilizados pelo locutor. Ou seja, o *ethos* deriva somente da enunciação, não da imagem prévia do locutor. Daí deriva seu caráter instável. A preocupação com essa ressalva se faz presente desde as

teorizações de Aristóteles: “Persuadimos pelo caráter quando o discurso é de natureza a tornar o orador digno de fé (...). Contudo, é necessário que essa confiança seja o efeito do discurso, não de uma prevenção sobre o caráter do orador” (ARISTÓTELES, 1356a *apud* MAINGUENEAU, 2020, p. 11).

3.2 Ambivalências do *Ethos*

No processo de enunciação, emergem dois tipos de *ethos*: um que é mostrado, percebido na maneira de dizer e também no próprio dito, e um que é dito, captado apenas daquilo que o enunciador diz de si. Dos dois, apenas o mostrado está sempre presente. Independentemente do assunto do qual trata o locutor, um *ethos* sempre é construído, pois ele é constitutivo de toda enunciação. O *ethos dito*, por sua vez, não é obrigatório, isso porque nem sempre o assunto do locutor será a si próprio. Mas Maingueneau (2020) pondera que

No interior do *ethos* dito, podemos isolar um *ethos* propriamente verbal, que incide sobre as propriedades da própria enunciação: ‘Não sei falar em público’, ‘não gosto de muita falação’... De fato, a distinção entre *ethos* dito e mostrado e *ethos* dito verbal e não verbal se inscreve em um continuum: é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’, quando é sugerido, e o ‘mostrado’, entre os comentários sobre a fala e o que não decorre disso. (p. 12).

Apesar de o *ethos* ser vinculado no ato da enunciação, Maingueneau (2020, p. 12) reconhece outra dupla difícil de dissociar: *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo ou prévio. Inevitavelmente, o destinatário guarda uma representação prévia do locutor, como em casos de pessoas já conhecidas na mídia, de quem o destinatário já possui determinada representação. Desse modo, a leitura do *ethos* discursivo se junta a um *ethos* que não está presente no momento da enunciação. Assim, “O *ethos* efetivo de um enunciador resulta, então, da interação entre seu *ethos* pré-discursivo, seu *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), os fragmentos no texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos* dito).

3.3 Incorporação

Para conferir um caráter de conceito à noção de *ethos* dentro da análise do discurso, Maingueneau (2020) faz emergir a problemática da incorporação. Pois, segundo ele,

A noção de *ethos* se transforma em conceito quando é utilizada por um autor ou corrente específica, que o faz entrar em uma rede de termos. Nas ciências da linguagem, Marcelo Dascal (1999), por exemplo, o integra em uma ‘retórica cognitiva’ fundamental em uma pragmática filosófica, enquanto Ruty Amossy (2010) constrói um quadro teórico em torno da ‘apresentação de si’, dando sequência a Erving Goffman. Já eu o inscrevo, sobretudo, numa problemática da incorporação. (p. 13)

A noção de incorporação é importante para entender o porquê de diferentes aceitações dos discursos de Pagu em momentos e por pessoas diferentes. Maingueneau (2016) explica que a incorporação diz respeito à forma do coenunciador relacionar-se com o *ethos* em questão. O *ethos* não é uma imagem característica e pronta de um enunciador, é mais a imagem que o coenunciador faz do indivíduo enquanto ele enuncia e interpretação vai depender do mundo ético ao qual o enunciador/fiador faz parte e que é acessado pelo coenunciador através da leitura, por isso, a incorporação é um movimento importante na constituição do *ethos*.

A incorporação atua em três registros inseparáveis: a) a enunciação do texto dá corpo ao fiador; b) o coenunciador incorpora um conjunto de esquemas (ou a uma FD) que condiz com os modos de relacionar-se com o mundo daquele corpo; e c) as duas incorporações possibilitam a constituição de um corpo compartilhado, formando uma comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso. (MAINGUENEAU, 2016 p. 73).

Trata-se de uma concepção marcadamente “encarnada” do *ethos*. Algo da ordem da experiência sensível entra em jogo na comunicação verbal. O “fiador” vê atribuídos a si um caráter e uma corporalidade, cujo grau de precisão varia de acordo com os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Já quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de se vestir, a um modo de se mover no espaço social, a um comportamento. O destinatário constrói, de maneira mais ou menos fluida, mais ou menos consciente, a figura desse fiador apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas, valorizadas ou desvalorizadas, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2020, p. 14).

Conforme Maingueneau (2016), a partir da noção de *ethos*, é possível refletir, de forma geral, sobre a adesão do sujeito à dada posição discursiva. Isso funciona bem em discursos filosóficos, políticos e publicitários, pois tomam como objetivo conquistar determinado público, que pode aderir, ignorar ou recusar o discurso em questão. Tal noção é interessante para esse trabalho, porque como postula Maingueneau (2016), ela permite pensar no discurso estabelecendo relação com o corpo. Pois,

É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em

uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente. (MAINGUENEAU, 2016, p. 70).

Desse modo, é possível pensar no sujeito discursivo considerando a exterioridade, mesmo que não se trate de um sujeito empírico. Em 2020, Maingueneau denomina essa “voz” como “tom” e, segundo ele, “O termo ‘tom’ tem a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral. (p. 14). Desse modo, convém acrescentar que “(...) as ‘ideias’ suscitam a adesão do leitor porque a *maneira de dizer* implica uma *maneira de ser*.” (p.14).

3.4 Dimensões do ethos

Maingueneau atribui três dimensões ao *ethos* a fim de evitar uma proliferação de predicados de forma descontrolada. A dimensão categorial a qual pertencem predicados que se referem aos papéis discursivos, aqueles ligados à atividade da fala como animador, pregador, apresentador, e papéis extradiscursivos, que podem ser de inúmeras naturezas como pai de família, professor, chefe, médico, brasileiro, nordestino etc. A dimensão experiencial diz respeito às classificações de ethos ligados a características sociopsicológicas estereotípicas como de originalidade, cautela, agressividade, tolerância, solidariedade, sinceridade, egoísmo etc. A dimensão ideológica ocupa-se dos posicionamentos como comunista, feminista, anarquista, direitista, conservador, romântico, naturalista, modernista etc. As três dimensões interagem bastante e no caso das duas últimas elas são indissociáveis como veremos nas imagens de Pagu em que ela constantemente se descreve de um modo em que é visível tanto o ethos de original, singular da categoria experiencial quanto de comunista, de “antifeminista” (em textos de *O homem do povo*) que são da categoria ideológica.

4 TEMAS E CHAVES: RECORTE METODOLÓGICO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Dois grandes tipos de unidades de análise são distinguidos por Maingueneau (2015, p. 66): unidades tópicas e não tópicas. As tópicas são “(...) de alguma forma dadas, pré-recortadas pelas práticas sociais, e as que chamaremos não tópicas, construídas pelos pesquisadores”.

Dentro das unidades tópicas estão abrigados os tipos de gêneros discursivos. Elas se referem a espaços já dados pelas práticas verbais, nas quais aparecem os “tipos de discursos” que se relacionam a determinados setores de atividades da sociedade: discurso religioso, político, administrativo e as subdivisões necessárias. Os tipos de discursos são constituídos por “gêneros de discurso”, por isso, estes são considerados por Maingueneau (2015, p. 67) “os átomos da atividade discursiva”.

Sendo os “tipos de discurso” a classe maior que engloba os gêneros, entende-se que ela é heterogênea, isso porque, conforme explica Maingueneau (2008), os gêneros de discurso ainda podem se agrupar mesmo correspondendo a duas lógicas diferentes: a um agrupamento de discursos (de gêneros diferentes ou não) que fazem parte de um mesmo “aparelho institucional”, como o discurso hospitalar, pertencerão a essa categoria prontuários, receitas, reuniões de trabalho etc; e, numa segunda lógica, a agrupamentos de gêneros que se dão pela dependência em comum de determinado posicionamento, o que remete a campos discursivos, são exemplos panfletos, jornais e propagandas eleitorais que se agrupam por fazerem parte ambos do campo discursivo político. É por esse motivo que não se pode falar, por exemplo, em discurso hospitalar e discurso comunista, porque não são agrupados pelos mesmos critérios, um é pelo aparelho institucional enquanto o outro é por um posicionamento determinado dentro do campo político.

Enquanto as unidades tópicas são pré-definidas pelo uso social dos discursos, as unidades não tópicas são definidas pelo pesquisador. Maingueneau, em *Cenas da Enunciação* (2008), afirma que “As unidades não tópicas são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas (o que as distingue das unidades “territoriais”). Essas unidades territoriais às quais ele se refere são os tipos e gêneros discursivos. Já no livro *Discurso e Análise do Discurso*, Maingueneau (2015) reformula esse pensamento:

As unidades não tópicas são construídas pelo pesquisador a partir de unidades tópicas. Só pode haver análise do discurso se ela se apoia em unidades tópicas,

mas elas não podem dar conta, sozinhas, do funcionamento do discurso, que é atravessado por uma falha constitutiva: o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas. O que se pode expressar (...) em termos de “primado do interdiscurso sobre o discurso”, ou, nas problemáticas inspiradas em M. Bakhtin, em termos de “dialogismo”. Toda enunciação é habitada por outros discursos, por meio dos quais ela se constrói. Os analistas do discurso, assim, são levados a desenvolver não somente abordagens que se apoiam nas fronteiras, mas também abordagens que as subvertem. (2015, p. 81)

Desse modo, compreende-se que, entre essas duas publicações, o autor repensou as condições de existência das unidades não tópicas, apontando a impossibilidade de existência das unidades não tópicas sem as unidades tópicas, e que estas, por seu turno, são insuficientes para dar conta sozinhas do funcionamento do discurso. Essa é justamente a unidade que interessa a esta pesquisa e que caracteriza a organização do *corpus* da análise, porque tratam-se de gêneros diversos escritos por Pagu. Por isso, passa-se a entender melhor o que seriam as unidades não tópicas aqui nesta subseção e a explicar o critério de definição do corpus na subseção seguinte.

Nessa reformulação citada do conceito de unidades não tópicas, Maingueneau (2015) passa a tratá-las como sinônimo de formações discursivas. Esse conceito já era tratado como uma das unidades não tópicas juntamente com percursos, mas agora parece que ganha uma dimensão maior, pois o próprio título do capítulo passa a ser esse e não aquele utilizado em *Cenas da Enunciação* (2008). Ele afirma que a noção de FD foi elaborada por Foucault em *A arqueologia do saber* e também por Pêcheux com a ajuda de Haroche e Henry (1971), e que ambos a pensam como “um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 81).

No caso de Foucault, o conceito surge da necessidade de misturar categorias familiares (gênero, obra, disciplina), aquelas unidades que podem ser consideradas tópicas. Ele cuidou para não tomar como referência de agrupamento, as divisões já existentes, as tópicas. Ele pretendia criar uma unidade que não é evidente como a dos gêneros e tipos (uma unidade invisível nas palavras de Foucault), mas que permitisse explicar um certo número de fenômenos. (MAINGUENEAU, 2015).

Já na acepção de Pêcheux, que parte da de Foucault, o termo é retrabalhado, uma vez que ele se inspira na análise social baseada nas concepções de “formação social” e “formação ideológica” desenvolvidas por Louis Althusser, filósofo marxista, e seus colaboradores, Haroche e Henry. Como se pode ver na citação a seguir:

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente , como um de seus

componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra. (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY, [1971] in 2020, p. 34).

Maingueneau, ao comentar essa passagem, aposta na hipótese de que se deve ter atenção ou dar destaque à leitura de que os gêneros de discurso citados pelos autores entre parênteses, estão ali apenas para demonstrar que, em um nível mais imediato, os enunciados aparecem fragmentados em gêneros diversos, não sendo necessário esse recorte para a formação discursiva. Ou seja, “a formação discursiva é concedida como um sistema de restrições oculto, transversal às unidades tópicas que são os gêneros.” (2015, p. 83). Depois, o conceito de formação discursiva passou a ser utilizado não mais atrelado a Foucault ou a Pêcheux, mas para fazer agrupamentos de textos que não fazem parte de nenhuma categoria pré-definida, tornando-se, nesses casos, a melhor opção. Ela permite a liberdade de construir *corpora* heterogêneos, com enunciados de quaisquer gêneros e tipos. Em razão disso, é possível distinguir variados tipos de formação discursiva. Dentre eles, existem as formações discursivas definidas por temas e chaves. É por meio desses critérios que os enunciados desta pesquisa foram agrupados.

Partindo da organização do *corpus* por temas-chave, existem várias possibilidades de definir formações discursivas, conforme explica Maingueneau (2015): o pesquisador pode operar através de temas pré-construídos, mas é livre para delimitar a formação discursiva agrupando enunciados em volta de um tema que foi instituído por ele no uso de sua soberania no tratamento do *corpus* de pesquisa. É assim que se torna possível desenhar *corpora* invisíveis até o momento, justamente como Foucault entendia formação discursiva.

Na próxima seção, apresenta-se um breve contexto histórico da primeira metade do século XX para as mulheres e as pautas feministas da época. E em seguida, desenvolve-se a análise discursiva.

5 A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PAGU

É 1910 o ano da chegada de Patrícia Rehder Galvão ao mundo, pelos cuidados de Adélia Rehder Galvão e Thiers Galvão de França, emigrantes italianos, na cidade de São João da Boa Vista em São Paulo. É esse também o ano em que Bertha Lutz, uma bióloga e importante cientista retorna, de Paris para o Brasil e inicia a luta coletiva pelo voto. E contribui para a fundação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Esse período, somado ao final do século XIX na Europa, é conhecido como a primeira onda do feminismo. Para compreender as condições de produção dos dizeres de Pagu, cabe elucidar sucintamente o contexto em que foram produzidos, sobretudo no tocante às tendências feministas que se expressaram. (PINTO, 2003).

Conforme Céli Regina Pinto (2003), o feminismo do período, que compreende o final do século XIX e meados do século XX, pode ser dividido em três vertentes: o feminismo bem-comportado que tinha como pauta a conquista de direitos políticos para as mulheres sem questionar a posição dos homens e que tem o maior nome em Bertha Lutz; o feminismo difuso que se expressou por meio da imprensa alternativa e contava com a atuação de mulheres cultas; e o feminismo anarquista (e posteriormente comunista) que tinha como atuantes mulheres cultas e trabalhadoras que faziam parte desses movimentos de esquerda. (PINTO, 2003).

O movimento feminista sufragista, caracterizado como bem-comportado, é que de forma mais expressiva inicia o feminismo no Brasil e teve como alvo os direitos políticos. Sua principal expoente é Bertha Lutz que atuou fortemente na década de 1920 e se manteve ligada as causas das mulheres até o ano de sua morte em 1970. Segundo Pinto (2003), esse movimento tem importância de alcance nacional, entretanto, tem suas falhas precisas que consistem em não apontar a posição de exclusão da mulher como resultado da posição de poder do homem. Por isso o adjetivo de bem-comportado, a inclusão das mulheres na cidadania se dava como um complemento à evolução da sociedade sem tocar na condição do homem. O direito ao voto foi conquistado em 1932, na promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro. (PINTO, 2003)

No feminismo difuso, por sua vez, as mulheres se preocupavam com questões de campos mais vastos como a educação, a dominação masculina e o interesse dos homens em manter as mulheres fora da vida pública. Assim, elas abordavam temas como sexualidade e divórcio. Esse grupo, assim como o anterior era composto de mulheres cultas e com vidas públicas excepcionais. Essas organizações foram bastante significativas e se espalharam pelo

país. Francisca Senhorinha Motta Diniz possivelmente foi a primeira mulher a fundar um jornal no país e foi o principal nome desse movimento. (PINTO, 2003).

A terceira vertente é constituída por mulheres dos movimentos de esquerda, inicialmente por anarquistas e posteriormente por comunistas. Com a chegada de italianos, espanhóis e portugueses para o trabalho nas fábricas e com o processo de urbanização, foram introduzidas no Brasil as ideias libertárias do anarquismo. Mulheres operárias e intelectuais defendiam radicalmente a libertação das mulheres, tendo muitas vezes como foco central a exploração do trabalho. O principal nome dessa vertente é Maria Lacerda de Moura, professora de origem modesta e vinda do interior do país. Ela foi uma anarquista radical, escreveu muitos livros que tematizavam, por exemplo, o amor livre e a educação sexual. Chegou a se aproximar de Bertha Lutz, mas logo se afastou devido às divergências ideológicas. Segundo ela, Lutz lutava por uma causa que beneficiaria poucas mulheres. (PINTO, 2003).

Esse período vai até a data da conquista do voto, em 1932, depois disso, segundo Pinto, o feminismo passa por um momento de “refluxo” no qual o movimento de Bertha Lutz ainda tentou algumas ações até o golpe de 1937, quando o feminismo praticamente morre. (PINTO, 2003).

Desde a redemocratização em 1946 e, principalmente, durante a década de 1950 até o golpe de 1964, as lutas sociais estavam, no Brasil, e no mundo, muito determinadas pela vaga socialista e pela utopia comunista, em que não havia espaço para as lutas, chamadas na época de particularistas, como a que seria levada posteriormente pelas mulheres. Com isto não está afirmando que durante este longo período as mulheres não tiveram nenhum papel no mundo público; muito pelo contrário, houve momentos importantes de participação da mulher, como o movimento no início da década de 1950 contra a alta do custo de vida. Estes movimentos, entretanto, não são feministas no sentido de lutas pela transformação da condição da mulher na sociedade. (PINTO, 2003), p. 11).

Ao longo da análise dos dizeres da enunciadora Pagu, sobretudo na subseção 5.1 referente aos textos da coluna *A Mulher do Povo*, percebe-se que seus dizeres inscrevem-se em uma formação discursiva que foca nas lutas sociais e considera o feminismo um movimento particularista.

Apresenta-se o *corpus* analítico em sequências discursivas (SD) que foram agrupadas pelos temas-chave: a) O antagonismo entre o eu revolucionário e outras mulheres; b) A singularidade inerente; c) A vontade determinante contra todos os estabelecidos; d) A dissimulação e a dor do ser; e) A descoberta do corpo e do prazer sexual; f) Os conflitos nos sentimentos maternos; e g) A resignação e a desilusão com o Partido Comunista. Sendo que as sequências discursivas do ítem *a*) fazem parte da coluna *A mulher do Povo*, portanto, serão alocadas na subseção 5.1 *A mulher do Povo*. As demais sequências pertencem à autobiografia

Paixão Pagu, logo, serão alocados na subseção 5.2 *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*.

5.1 A mulher do Povo

Nesta seção, analisamos três textos jornalísticos, especificados a frente, escritos por Patrícia Galvão na coluna intitulada *A mulher do Povo* do Jornal *O homem do Povo*. Tendo em vista que os suportes de circulação são constitutivos dos sentidos produzidos nas discursividades, considera-se importante descrever o jornal do qual destaca-se os textos objetos de análise desta pesquisa.

Lançado por Patrícia Galvão e Oswald de Andrade em 27 de março de 1931, o jornal teve apenas oito números antes de ter sua circulação proibida em decorrência de graves conflitos com estudantes da Faculdade de Direito. Na época, foram divulgadas diversas notícias sobre o ocorrido, como o noticiário a seguir publicado na *Folha da Noite* no número 3.136: “Oswald de Andrade, que classificou a Faculdade de Direito como sendo um ‘cancro’ que mina o nosso estado, foi agredido e quase linchado em plena praça da Sé. (...)”; “(...) Foi preciso que os soldados de prontidão na central se movimentassem para impedir o linchamento – Os estudantes que se dispuseram a aplicar o corretivo no escritor Oswald de Andrade” (CAMPOS, 2014, p. 145). Na publicação de número 3.139, o mesmo jornal cita a reação de Pagu na ocasião:

De súbito, e sem que ninguém esperasse, apareceu à porta do prédio a companheira de Oswald de Andrade, Patrícia Thiers Galvão, mais conhecida por “Pagu”. Vinha armada de revólver e com o qual fez dois disparos em direção dos estudantes. A indignação não conheceu limites e os militares, postados à porta, tiveram um grande trabalho para salvar Patrícia Thiers Galvão das mãos dos estudantes. Atrás dela, surgiu o sr. Oswald de Andrade, que entrou em desferir violentos pontapés contra os estudantes. (CAMPOS, 2014, p. 148).

No dia 14 de abril de 1931, o Diário Nacional noticiou o fechamento do jornal: “atendendo a motivos de tranquilidade pública, o 1º delegado auxiliar determinou seja suspensa definitivamente a publicação do insolente papeludo” (CAMPOS, 2014, p. 151).

O jornal era assumidamente um panfleto proletário derivado da Revista de Antropofagia (segunda dentição). Nele, Patrícia colaborava com ilustrações, charges, vinhetas, títulos, legendas e artigos assinados com pseudônimos (Irmã Paula, G. Léa, K. B. Luda e Pagu), além de uma história em quadrinhos *Malakabeça, Fanikita e Kabeluda*, que possuía três personagens, um casal e uma sobrinha revolucionária. Assinava exclusivamente a coluna *A*

Mulher do Povo, na qual criticava grupos e instituições, de um ponto de vista marxista. As críticas, em geral, eram direcionadas a mulheres (CAMPOS, 2014, p. 132-133). Selecionamos três textos com temáticas diferentes: a) *Maltus Alem* (nº 1, 27 de março de 1931); b) *Liga de Thompas Catholicas* (nº 5, 4 de abril de 1931) e *Normalinhas* (nº 8, 9 de abril de 1931).²Nas quais ela se refere a feministas, a mulheres católicas e às normalistas, respectivamente.

5.1.1 O antagonismo entre o eu revolucionário e as outras mulheres

A enunciativa reprova claramente as feministas de sua época, século XX, representadas em seus textos principalmente por Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz. E conseqüentemente, constrói *antiethé* a partir da visão que faz dessas personalidades. O primeiro texto escrito por ela no jornal, *Maltus além*, é uma reprimenda às feministas da época e as ideias de Malthus, economista positivista do século XIX. Nela, a enunciativa acusa as personagens de atrapalharem o movimento revolucionário do Brasil, bem como de negar o voto aos operários sem estudo. Além disso, ela se mostra aderida incondicionalmente às “verdades” do Partido Comunista. E acredita que ele seja a solução para todos os problemas sociais, dispensando as organizações em outros âmbitos sociais, como o de mulheres, exemplificado a seguir.

SD1: (...) – temos a atrapalhar o movimento revolucionário do Brasil uma elitizinha de João Pessoa que sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para mulheres cultas achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo.

Estas feministas de elite que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque, não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece que a limitação de natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos. (PAGU, 1931, nº 1, p. 2).

A elite de João Pessoa a qual ela se refere é, possivelmente, o Batalhão Feminino João Pessoa, criado durante a revolução de 1930 por Elvira Komel, no qual se alistaram 8.000 mulheres na luta pelo voto no estado da Paraíba.

Segundo Maingueneau (2020), é comum o movimento do locutor de tipificar os personagens de quem fala e instituir uma superioridade a ele em oposição àqueles que agem de forma comum, típica, desse modo encarna para si o representante de um *antiethos*. Nesse enunciado, ela faz um retrato de si como boa revolucionária, derivado de um *ethos* de sincera,

² Esses textos estão apresentados em anexos neste trabalho (1, 2, 3).

sensata e consciente da verdadeira revolução, contrário à imagem que ela apresenta para mulheres às quais se refere: “feministas de elite”. Maria Lacerda de Moura é apresentada como encarnação das atitudes da categoria social (MAINGUENEAU, 2020, p. 77), visto que seu nome é diretamente apontado como exemplo no texto:

SD2: “O batalhão de João Pessoa do feminismo ideológico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor actuar no próximo Congresso de Sexo”. (PAGU, 1931, nº 1, p. 2).

Pinto comenta sobre a forma como algumas pessoas olhavam para as lutas feministas, naquele momento:

Enquanto as mulheres no Brasil organizavam as primeiras manifestações, as exiladas, principalmente em Paris, entravam em contato com o feminismo europeu e começavam a reunir-se, apesar da grande oposição dos homens exilados, seus companheiros na maioria, que viam o feminismo como um desvio na luta pelo fim da ditadura e pelo socialismo. (JARDIM PINTO, p. 04).

No terceiro texto da coluna, *O retiro sexual*³, a enunciadora Pagu cita também Bertha Lutz de forma sexualizada:

SD3: “Antes, a história do Ovalinho que é melhor porque este ao menos mandou o retino as favas e traiu os santos com uma mulata chamada Berta Lux”. (PAGU, 3 nº, p. 2).

Essa sexualização do corpo feminino também ocorre no nº 5, *Liga das trompas católicas*, da coluna, quando ela fala sobre o comportamento das mulheres nos festivais de declamação e modinhas brasileiras:

SD4: “E são invejadíssimas as atrizes porque tem uma possibilidade de dizer aos moreninhos catholicos e honrados que tem gambias boas, corpinho regular, e uns seios nada ruins devido ao soutien proposital.”. (PAGU, 1931, nº 5, p. 2).

Esse *antiethos*, que a caracteriza, vai sendo construído a começar pelo título e no decorrer do enunciado no qual associa às feministas a teoria de Malthus⁴. Nesse sentido, a enunciadora Pagu sugere que as feministas, representadas neste texto pela imagem de Maria Lacerda de Moura, se inspiraram em tal teoria ao tratarem da conscientização da maternidade. Embora, segundo Pinto (2003), Moura tenha sido influenciada pelo positivismo e pelo

³ O texto de nº 3 não foi selecionado para o corpus, apenas este fragmento para complementar a análise.

⁴ Thomas Malthus, a quem ela se refere, foi um economista que viveu no século XIX na efervescência da Revolução Industrial, conhecido e referenciado até os dias de hoje no que tange os estudos da população e dinâmica capitalista. De acordo com seu pensamento, a população deve ser mantida no mesmo nível dos meios de subsistência, assim, uma condição primordial para o melhoramento da sociedade estaria no equilíbrio entre população e meios de subsistência. Caba então, a partir desse pensamento, procurar entender quais fatores proporcionavam esse equilíbrio, de modo, que ele supôs que, quando não há barreiras para a reprodução, o aumento populacional cresce indefinidamente em razão geométrica, enquanto os alimentos oriundos da terra crescem em razão aritmética. Nesse sentido, para Malthus, a discrepância era preocupante e desembocaria na dificuldade de manutenção da subsistência da população. Entretanto, para ele, toda ajuda aos pobres apenas agravaria o problema.

cientificismo em sua juventude, o foco de suas discussões de cunho educacional estava na conscientização em relação à maternidade e a garantia de uma maior liberdade para as mulheres e direito sobre seu próprio corpo. Além disso, também segundo Pinto (2003) ela apontava o capitalismo como grande responsável pela condição de exclusão das mulheres.

Apesar de não gostar de rótulos, Maria Lacerda de Moura alinhava-se aos pensamentos do movimento anarquista, em seus discursos e práticas pedagógicas, denunciando situações de abuso de poder e detenção de saberes por parte de exploradores sobre as mulheres. Além disso, vivenciou alguns conflitos com as feministas de seu tempo por se considerar individualista e antisufragista. E, possivelmente, por isso, não recebia apoio dos grupos em suas publicações e palestras.

As feministas também são apontadas como inimigas dos trabalhadores. Certamente, ela fazia menção às sufragistas. Entretanto, todo o texto desse número da coluna constrói um *ethos mostrado* que é justamente o que ela critica. Pois, essa construção linguageira trabalha em favor da deslegitimação das pautas das feministas da época. Percebe-se uma visão de que as lutas de classe e resolução dos problemas econômicos, para a enunciadora, seriam de primeira ordem enquanto as questões de gênero seriam de ordem secundária e que a resolução daqueles resultaria na resolução de todos os outros. Como mencionado antes, esse dizer faz parte de uma formação discursiva que denomina o feminismo como uma luta particularista.

Desse modo, para ela a resolução dos problemas das classes econômicas é capaz de atender às demandas dos diversos grupos sociais existentes, inclusive os das mulheres, enquanto acredita que a busca pela resolução das opressões sociais impostas às mulheres atrapalha o movimento revolucionário do Brasil. Essa mesma concepção aparece no nº 8 da coluna, *Normalinhas*:

SD5: Acho bom Vocês se modificarem pois que no dia da reivindicação social que virá, vocês servirão de lenha para a fogueira transformadora.

Si Vocês, em vez dos livros deturpados que lêem, e dos beijos sífilicos de meninotes desclassificados, voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionaria que se forma em todo o mundo e estudassem, mas estudassem de fato, para compreender o... que se passa no momento, poderam, com uma convicção de verdadeiras proletárias, que não querem ser, passar uma rasteira nas velharias enferrujadas que resistem e ficar na frente de uma mentalidade actual como authenticas pioneiras do tempo novo. (PAGU, 1931, nº 8, p. 2).

Um apontamento interessante sobre esse tipo de posicionamento é feito por Hime (2017, p. 187), que ela denomina de escatológico, segundo ela, existem situações em que muitos progressistas, na ânsia pelas mudanças sociais, utilizam-se de falas ameaçadoras muito parecidas com as feitas pelos retrógrados com o objetivo de retardar as transformações, nessa ação, acabam por ameaçar outros progressistas por verem as mudanças sob prismas diferentes.

Esse mesmo tom ameaçador de um discurso burguês, tão apontado por ela também aparece em *Normalinhas*, o último texto da coluna:

SD6: A variadas umas pelas outras, amedrontadas com a opinião, azoindo preconceitos e corvejando disparates, se recalcam as formadoras de homens numa senda inteiramente incompassível com os nossos dias. E vão estragar com os ensinamentos falsos e moralistas a nova geração que se prepara. É caso de polícia! O governo como bom revolucionario que se diz, devia intervir com uma dezena de grillos numas visitinhas pela casa corruptora. Com uma duzia de palmadas ellas se integrariam no verdadeiro caminho. (...) Vocês também não querem que nem os seus coleguinhas de Direito, trocar bofetões commigo? (PAGU, 1931, nº 8, p. 2).

As mulheres católicas e o universo burguês também são assunto para a enunciadora da coluna *A mulher do Povo*, no texto *Ligas de trompas católicas*, no qual a cena de anunciação é um festival de declamação de modinhas, ela fala sobre o hábito da burguesia de frequentar tais eventos, mais especificamente das mães católicas com suas filhas com o intuito de se distraírem e de encontrarem um par.

SD7: E as senhoras catholicas se sucedem num espoucar de normalistas e estudantas hipocritas, cheias de vergonha e bons modos – escolhendo companhia decente para se jogar sem nenhum controle ou conhecimento, nas garconieres clandestinas porque não tem divulgação jornalística. E vão vivendo a vida desmoronante e pequena. E a organização das ligas de trompas continuam escondendo, qualquer consequencia da sua falta de liberdade. Mães idiotas que querem dar a uma vida de controle e compensação de vilões e cantinhos da Curia. Mães que se desgraçam porque querem catholicamente que as filhas façam casamento um caixão do Rodovalho até que a prodeça ou arrebente. (PAGU, 1931, nº 5, p. 2).

A enunciadora tece fortes críticas sobre o comportamento das moças católicas de classe alta da época, que estavam emergidas nas condições de produção do texto assinado por Pagu, quando sua educação era voltada para o casamento e começavam a ser direcionadas para o magistério. Nos primeiros anos de educação formal de mulheres, a formação tinha como foco o comportamento em termos de etiquetas e submissão às normas da sociedade, da igreja e da família, sobretudo dos pais e dos maridos, e o papel das mães era ainda fundamental nessa preparação das filhas para o casamento.

No entanto, Pagu aponta as mulheres como únicos sujeitos responsáveis por essas posições, sem levar em conta as condições de existência dessas e outras mulheres, e ao mesmo tempo, hostiliza aquelas que se atrevem a procurar meios para que essas mulheres se conscientizem de seus lugares de subalternidade, e se emancipem através da conquista de direitos. Nos três textos, Pagu tenta emudecer as mulheres brasileiras sejam elas burguesas, feministas, intelectuais, normalistas etc. Ela deixa de fora das críticas apenas as mulheres pobres, operárias e prostitutas, entretanto, em nenhum momento, seus textos se direcionam a estas.

O julgamento moralizante e o desprezo pelas prostitutas e mulheres pobres pela sociedade, em especial por parte de mulheres religiosas e estudantes, também é uma característica que constitui seu *antiethos*, como nos exemplos:

SD8: “Senhoras que cospem na prostituição, mas vivem sofrendo escondidas num véu de sujeira e festinhas hispocritas e maçantes, onde organizam o hymno de cornetas ligadas pr’a todos os gosos, num coro estéril, mas barulhento”. (PAGU, 1931, nº 5, p. 2).

SD9: Com um entusiasmo de fogo e uma vibração revolucionaria poderiam se quizassem, virar o Brasil e botar o Oyapock perto do Uruguay. Mas D. Burguezia habita nelas e as tranforma em centenas de inimigas da sinceridade. E não raro se zangam e descem do bonde, se sobre nelle uma mulher do povo, escura de trabalho.

A gente que as vê em um bandinho risonho pensa que estão forjando alguma coisa sensacional, assim como entrarem em grupo na Igreja de S. Bento, derrubar altar, padre estoia, sacristia... Nada disso. Ou comentam um tango idiota numa fita imbecil ou deturpam os fatos escandalosos, de uma guria mais sincera, em luta corporal com o controle cristão. Agrupam-se para abandoná-la. A camarada tem de andar sozinha... É uma imoralidade... Ao menos, se fizesse escondido... É isso mesmo o que ellas fazem. (PAGU, 1931, nº 8, p. 2).

Então, sobressai, o *ethos* de mulher que enxerga a repulsa de mulheres ricas e estudadas pelas mulheres operárias e prostitutas ou desviantes das normas burguesas, com as quais ela se solidariza. Nesses enunciados, demonstra estar filiada a uma FD que ainda não é interseccional, pelo fato dela ainda não enxergar o gênero como um setor de organização social, mas já é um pensamento que critica, de forma tênue, o feminismo essencialista, no qual, se desconsideram as diversas formas de existência de mulheres. Ela chama a atenção para a postura de mulheres da sociedade que acabam por excluir outras. Contudo, suas denúncias válidas se camuflam na coleção de adjetivos ácidos.

É importante ressaltar que um *ethos* pre-discursivo de Pagu, presente em diversas biografias, filmes, poesias, até mesmo na aula de Natália Trindade (2020), coincide com a forma como ela descreve as normalistas:

SD10: As garotas tradiiconaes que todo o mundo gosta de ver em São Paulo, risonhas, pintadas, de saias de cor e boi nas vivas. Essa gente que tem uma probabilidade excepcional de reagir como moças contra a mentalidade decadente, entrega tudo e são as maiores e mais abomináveis bruguezas velhas. (PAGU, 1931, nº 8, p. 2).

Mas mesmo que tenha feito parte desse grupo, o seu pensamento foi sempre revolucionário e diferente das mulheres da época e da mesma classe social. É dessa forma que ela se mostra contrária ao *ethos* que está sendo apontado:

SD11: Eu, que sempre tive a reprovação delas todas; eu que não mentia, com as minhas atitudes, com as minhas palavras, e com a minha convicção; eu que era uma revolucionária constante no meio delas, eu que as aborrecia e as abandonava voluntariamente enojada da sua hipocrisia, as via muitíssimas vezes protestar com violência contra uma verdade, as via também com o rosto enfiado na bolsa escolar e pernas reconhecíveis e tremulas subirem a baratas impassíveis para uma garconiére vulgar. (PAGU, 1931, nº 8, p. 2).

Pagu então adota para si o *ethos* de uma mulher do povo, aquela que conhece e se importa com a classe operária e que detém o conhecimento que realmente mudaria a sociedade e as opressões. Se coloca como uma mulher mais revolucionária do que as outras que, em sua concepção, lutam por benefícios próprios e restritos a um pequeno grupo de mulheres cultas da elite, o que era um dos problemas do movimento sufragista. Cabe ressaltar que o gênero dos textos apresentados aqui é monologal, sendo, portanto, o *ethos* construído também de forma monologal, ou seja, de fácil controle. Nas palavras de Maingueneau, “um *ethos* identificável, baseado na recorrência de traços proeminentes e em harmonia com o conteúdo de seu enunciado.” (2020, p. 26). Diferentemente dos gêneros dialogais, com interações, porque neles as dificuldades em apresentar uma imagem coerente com suas intenções são muito mais difíceis devido às interferências de entrevistadores ou de oponentes, em caso de entrevistas televisionadas, por exemplo. A enunciativa não encontra tais dificuldades, devido a possibilidade de dizer sozinha.

Entretanto, o *ethos* dito falha muito em contraste com o *ethos* mostrado. Ela cobrava que as mulheres conhecessem os pensamentos marxistas e os movimentos que estavam ocorrendo no mundo pela revolução social, e se esquecia que ela própria acabava de ter contato com todos esses conhecimentos que eram tão novos e deslumbrantes para ela. E que o fez por ter oportunidades que poucas tinham e têm, claro que junto a estas oportunidades, o espírito de coragem e liberdade intrínseco a ela também contribuiu, para que ela, por exemplo, viajasse até a Argentina para encontrar Carlos Prestes e voltasse com muitos livros teóricos. Ela não encontrou Carlos Prestes nessa viagem, mas posteriormente, ela teve um encontro transformador de três dias e três noites em um café com ele e Oswald, o que teve importância fundamental para a sua decisão de ingressar no Partido Comunista. Como ela mesmo descreve em sua autobiografia:

Vejo Prestes, ainda, com uma mecha de cabelo sombreando ainda mais o rosto quase desaparecido na sombra do café. Como tinham vida, no entanto, aqueles olhos que pareciam enormes. Falava lentamente, com a calma e a serenidade dos que sabem não adianta catadupas de palavras. Ouvia com atenção imensa tudo o que eu falava. Respondia a todas as perguntas. Prestes devia falar assim com todo mundo. As maiores tolices que eu dissesse seriam ouvidas com paciência e contestadas com tanta minúcia, como se eu fosse a única pessoa no ‘mundo que necessitasse ser recrutada para o Partido e que Prestes só tivesse isso como tarefa. Tive de Prestes uma impressão magnífica e foi essa impressão que, em grande parte, me jogou na luta política. A personalidade pitoresca, a celebridade romântica, o revolucionário épico, nada disso apareceu ou sequer lembrei. Vi, nessa ocasião, o comunista convicto das suas argumentações, com a força da certeza e, principalmente, coerente com a luta a que se entregara. Um comunista honestamente comunista, um comunista como eu desejaria ser. (GALVÃO, 2005, p. 75-76).

Em geral, nos dizeres da Pagu daquele momento, ano de 1931, não há marcas ideológicas de um pensamento interseccional (pelo menos não que reconheça as opressões de gênero) que representa a importância da visibilidade das múltiplas opressões presentes nas vidas de grupos oprimidos dupla, triplamente e até mais, como seria o caso de uma mulher, negra, pobre, gorda e homossexual. Para ela, só existe a pobreza e a exploração do proletariado.

Ela está sempre acima das outras, há sempre superioridade em qualquer sentido. Constitui para si um *ethos* de superior.

Um aspecto bastante importante a se observar é para quem Pagu escreve, a quem se destinam seus textos. Em sua maioria são direcionados às mulheres da elite e não às operárias.

É interessante dizer que, em seu diário, quando escreve posteriormente, fala de um lugar de mulher mais madura e ela mesma analisa o caráter de suas críticas em *O Homem do Povo*:

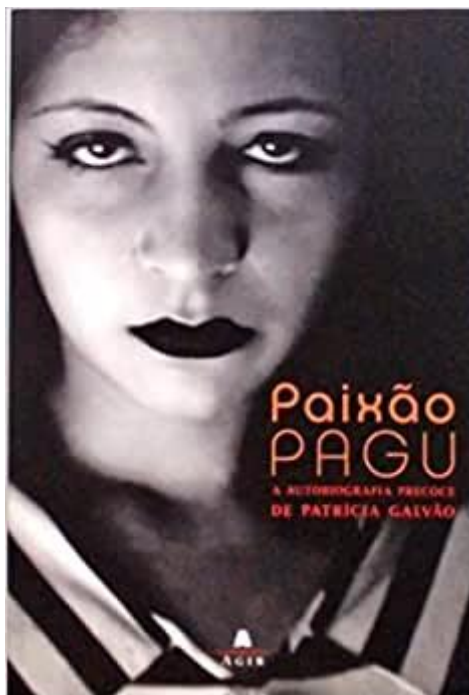
Nessa ocasião, numa conversa entre diversas pessoas, inclusive Oswald Costa, que estava presente, resolveu-se fazer *O Homem do povo*. A ocupação era absorvente. Não havia muita convicção. Mas muito entusiasmo. Entusiasmo sem discrição, mais de revolta acintosa. Vontade de adesão exibicionista de minha parte por uma causa revolucionária. Necessidade.

Sem grande conhecimento de causa, atirei-me, um pouco cegamente, no trabalho do *Homem do povo*. A previsão da Coisa Grande que deveria surgir. Intenção de procurar na causa dos oprimidos a finalidade para a minha vida. Vontade de ser honesta e corajosa. (GALVÃO, 2005, p. 74).

5.2 Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão

Paixão Pagu: a auto biografia precoce de Patrícia Galvão é uma longa carta confissão que significou, conforme a narrativa de Pagu, a entrega do seu verdadeiro eu ao homem que amou no momento mais maduro de sua vida. A tessitura iniciou-se no ano de 1940, quando ela já contava com 30 anos de experiências vividas, numa vida que lhe tinha sido bastante amarga. “Sempre achei trágica minha vida. Absurdamente trágica. Hoje parece apenas que lhe conto que fui à quitanda comprar laranjas.” (GALVÃO, 2005, p.). Já havia passado intensos doze anos desde que conheceu Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, quando começa a frequentar as reuniões do casal e recebe o seu tão conhecido apelido dado por Raul Bopp, até o momento em que sai da última prisão e casa-se com Geraldo Ferraz, justamente no ano em que se dedica ao relato dos caminhos por ela trilhados.

A carta foi publicada postumamente como uma “autobiografia precoce” pelo filho mais novo Geraldo Galvão Ferraz em 2005, em parceria com a editora Agir:



Capa do livro⁵

A primeira edição do livro conta com a apresentação de Geraldo Galvão Ferraz (o filho) que relata o momento em que Geraldo Ferraz (o pai) entregou-lhe a carta de Pagu em uma pasta preta. Conta também com um texto de H. David Jackson, estudioso da Yale University que pesquisa na área de literatura brasileira com enfoque nos escritos de Pagu; e com texto de Rudá de Andrade que é uma resposta após seis anos de uma crônica materna escrita por Pagu. Depois desses três textos, o espaço é da Patrícia de Galvão de 30 anos, da escritora que, precocemente, faz uma autobiografia a partir de suas memórias.

5.2.1 A singularidade inerente

Quase dez anos depois das publicações em *A mulher do povo*, o *ethos* mostrado por Galvão é compreendido, nesta pesquisa, como *ethos* de singularidade. Entretanto, na carta, ela fala sobre si por meio também de um *ethos* dito. É quando ela compreende e acolhe suas particularidades diante de outrem, enquanto, há dez anos, falava de si por meio de *antiethé*, agora ela fala de sua subjetividade, de sua existência que, ainda que construindo uma imagem de singularidade, se mostra complexa e múltipla.

⁵ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Paix%C3%A3o-Pagu-Patr%C3%ADcia-Galv%C3%A3o/dp/8522006571>.

Esse relatório é um que contribui para desconstruir muitos dos mitos criados em torno da figura de Pagu, nele, a enunciadora expõe seus desejos de expansão, de doação a algo que fosse muito maior do que ela, algo que fosse capaz de preenchê-la, de consumi-la e de justificar sua existência.

SD12: “O estado provisório da não-satisfação completa já me legava uma volúpia – a da procura. Assim, tenho andado farejando toda espécie de ideal.” (GALVÃO, 2005, p. 52).

Realizações pessoais não eram seus objetivos, o desejo era fazer parte de algo grande em benefício da humanidade. Ela fala sobre a necessidade de um ideal que já se manifestava desde a infância e perdurou durante muito tempo através das ações de ruptura que caracterizou sua vida:

SD13: Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava a bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza onde procurava. Talvez porque já caminhasse fora dos conceitos humanos. (GALVÃO, 2005, p. 52).

Nesse enunciado (SD13), a imagem que se constrói é de uma enunciadora inatamente subversiva, grande e sobre-humana, que instintivamente, agia contra. Contra qualquer coisa que fosse o estabelecido. Tudo que não fosse aceitável para as demais pessoas se tornava o caminho mais óbvio a se trilhar. O que é facilmente compreendido na colocação:

SD14: Com Euclides, eu poderia ter isolamento, solidão e liberdade. Aceitei a proposta, apesar de ela encantar o Papai. Ele se casaria comigo. Ele tentava me compreender. Era a minha amizade e o meu refúgio. (GALVÃO, 2005, p. 56).

Nesse sentido, parece que, por mais que ela se sentisse bem com Euclides, o fato dessa união agradar ao pai quase fez com que ela não quisesse o casamento que julgava bom para si. No texto da SD14 a enunciadora demonstra, que suas decisões não eram originais como faz parecer, as outras pessoas influenciavam diretamente nelas, mesmo que pelo avesso. A reação de terceiros era justamente o ponto de partida em suas ações. Como na música interpretada por Legião Urbana: “Quantas chances desperdicei/ Quando o que eu mais queria/ Era provar pra todo mundo/ Que eu não precisava provar nada pra ninguém.” (RUSSO, VILLA-LOBOS, ROCHA, 1986).

SD15: O primeiro fato distintamente consciente da minha vida foi a entrega do meu corpo. Eu tinha doze anos incompletos. Sabia que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. Com certeza, havia uma necessidade, mas não era nenhuma das chamadas necessidades, ou melhor, a necessidade nada tinha a ver com a entrega fisiológica do corpo. Antes desse fato, só lembro da inquietação interior. Toda a minha vida. Naquele tempo eu é que não compreendia o ambiente. Eu me lembro que me considerava muito boa e todos me achavam ruim. As mães das outras crianças não queriam que eu brincasse com suas filhas e fui expulsa até um dia da casa de Álvaro George, da livraria, porque não queriam que eu tivesse contato com as suas crianças. Só consentiam ali minhas irmãs. Eu nunca consegui perceber minha perversidade. Tinham me feito assim e jogado em paredes estranhas. Andava então sozinha. (GALVÃO, 2005, p. 53).

SD16: Eu não tive infância. Uma vez, você mesmo, Geraldo, falou na minha infância tranquila. Eu procurava parecer criança. Que complacência irônica quando comentavam minhas travessuras de criança! Era uma moleca impossível. Eu sabia que enganava todo mundo. Não havia nem conflitos, nem luta pró-independência. Eu me sentia à margem das outras vidas e esperava pacientemente minha oportunidade de evasão. (GALVÃO, 2005, p. 57).

Nos *flashbacks* acima, aparece inicialmente o ethos dito da Patrícia criança: a menina que já possuía qualquer comportamento, jeito ou fala que a distinguiu das demais e que era visível aos olhos dos adultos e dela própria. Nesse exercício, ela mescla a imagem que os outros têm dela e o que ela própria tem de si, tentando achar conformidade entre as imagens.

Na SD17 Pagu com mais idade, ainda adolescente, já é descrita pela enunciadora com as mesmas inquietações da Pagu adulta, que é a narradora. Como uma menina que já se reconhecia grande, como alguém cujo amor e generosidade eram demais para não serem doados, compartilhados ou colocados a serviço de algo maior. Somente o consumo total de seu potencial poderia fazer emergir sua verdadeira personalidade:

SD17: Toda a vida eu quis dar. Dar até a anulação. Só da dissolução poderia surgir a verdadeira personalidade. Sem determinação de sacrifício. Essa noção desaparecia na voluptuosidade da dádiva integral. Ser possuída ao máximo. Sempre quis isto. Ninguém alcançou a imensidade da minha oferta. Eu nunca pude atingir ao máximo de êxtase-aniquilamento: o silêncio das zonas sensitivas. (GALVÃO, 2005, p. 52).

5.2.2 A vontade determinante contra todos os estabelecidos

A vontade determinante de ir contra todos os estabelecidos também é manifesta em seu relato (SD18). Ela o fazia sem questionamentos, sem problematizar suas ações, sendo muitas vezes, infiel e indiferente aos seus sentimentos e vontades. As atitudes e pensamentos descritos pela enunciadora se assemelham aos de fieis religiosos, embora, nesse caso, ela seguisse cegamente princípios pautados na rebeldia e na indiferença a tudo que ela julgava da valorização comum, a lei de sua crença era fazer tudo diferente. De modo que diz ter se feito indiferente ao sexo e ao amor e dissimulado a aceitar o que a Pagu escondida atrás da máscara não aceitava e não entendia. Na altura em que escreve seu relato, a consciência de toda essa submissão ao revolucionário já estava muito presente, quando relata sua vida a dois com Oswald:

SD18: Não tive precocidade sexual. Praticamente, só fui desperta sexualmente depois do nascimento de Rudá. E não foi por precocidade mental que entreguei meu corpo aos doze anos incompletos. Se existia revolta contra as coisas estabelecidas, eu nem pensava nisso. E, no entanto, sabia que agia contra todas as normas e duplamente, pois não era livre o homem que

me possuiu. Tinha plena consciência de todas as consequências que eu poderia ser obrigada a enfrentar. E não havia amor na entrega. Tudo se passou sem o menor preparo. A predestinação dos impulsos. Ou à minha obediência à vontade determinante. Vontade que aparecia assim à toa. (GALVÃO, 2005, p. 53).

SD19: Não era a primeira vez que Oswald tinha meu corpo. Essa entrega tinha sido feita muito antes, num dia imbecil, muito sem importância, sem o menor prazer ou emoção. Eu não amava Oswald. Só afinidades destrutivas nos ligavam. Havia, sim, um preconceito oposto aos estabelecidos. E, para não dar importância ao ato sexual, entreguei-me com indiferença, talvez um pouco amarga. Sem o compromisso da menor ligação posterior. (GALVÃO, 2005, p. 60-61).

Pagu se apresenta, enquanto mais jovem, ou seja, antes do período de maturidade em que escreve a carta, como indiferente ao ato sexual, compreendendo-o apenas como um meio de subversão aos tabus estabelecidos em torno dele.

O entendimento em relação à crueldade legada a si em aceitar e forçar-se a tudo que achava revolucionário, mais especificamente no amor, no casamento com Oswald, por se obrigar a representar um papel de uma mulher moderna e livre das imposições sociais, vai ficando ainda mais minucioso nos relatos a seguir:

SD20: Oswald já era quase um hábito. Nas semanas que precederam nosso casamento, ele foi quase uma necessidade. Mesmo dentro da palhaçada dos proclamas, eu distinguia o carinho na preparação de nossa vida. Acreditei numa aproximação mais intensa, num laço mais profundo de sentimento. Era mais nítida a possibilidade de realização do meu desejo de lar e ternura.

Cheguei ao quarto de Oswald. Não havia ninguém. Um criado do hotel me indicou outro quarto. Bati. Oswald estava com uma mulher. Mandou-me entrar. Apresentou-me a ela como sua noiva. Falou de nosso casamento no dia imediato. Uma noiva moderna e liberal capaz de compreender e aceitar a liberdade sexual. Eu aceitei, mas não compreendi. Compreendia a poligamia como consequência da família criada em bases de moral reacionária e preconceitos sociais. Mas não interferindo numa união livre, a par com uma exaltação espontânea que eu pretendia absorvente. Mas fingi compreender. A intoxicação amoral já impedia minha naturalidade. O medo do ciúme exposto. A falta de coragem da debilidade provocou a primeira atitude falsa, um sorriso complacente para as primeiras decepções. Tomamos café juntos, os três. A mulher, surpreendida no início, acalmou-se. E coloquei no alicerce da vida que íamos construir a primeira estaca de simulação. Eu me dispus a lutar contra os preconceitos de posse exclusiva.

Iniciamos a nossa vida. Havia a criação que ia nascer. Isso era suficiente. Eu me prendia pouco a pouco ao meu companheiro. Sabia que Oswald não me amava. Ele tinha por mim o entusiasmo que se tem pela vivacidade ou por uma canalhice bem feita. Ele admirava minha coragem destrutiva, a minha personalidade aparente. Procurava em mim o que outras mulheres não possuíam. Por isso mesmo, sempre procurou alimentar minhas tendências que podiam provocar reações estranhas, aproveitando minhas necessidades combativas com deturpações de movimento. Oswald não tinha nenhum pudor no gozo de detentor de objetos raros. (GALVÃO, 2005, p. 62).

Nas minúcias desse relato, nota-se que a percepção de Oswald em relação a Pagu, sua admiração pelo que é novo e diferente como Pagu, alimenta sua “personalidade aparente” de modo que é possível dizer que ele tenha contribuído para a construção dessa personalidade. Para ela, importava manter essa imagem de mulher moderna. Apesar de não compreender, entendia que seria julgada, caso expusesse seus sentimentos, caso agisse como outras mulheres

agiriam. Dessa construção sobressai muito a visão que ela tem sobre a visão que Oswald tem dela. Nesse dizer, ela contrapõe o que era dissimulação em decorrência da necessidade de continuar representando um papel esperado do que era o seu verdadeiro posicionamento. Ao mesmo tempo em que ela relaciona a si “uma canalhice bem feita”, “uma coragem destrutiva”, “uma personalidade aparente”, “o que outras mulheres não possuíam”, “tendências que podiam provocar reações estranhas”, “necessidades combativas com deturpações de movimento”.

A seguir, cita-se mais um texto que trata de um acontecimento que revela a aceitação da Pagu de 20 anos diante do que é considerado novo.

SD21: Eu estava às vésperas de ter o bebê. Eu me sentia imensamente boa naquela tarde. O dia tinha sido lindo, comprando roupinhas. Chegamos em casa. Cheia de emoção, estive ao lado de Oswald, esperando que ele terminasse um artigo para eu passar à máquina. Justamente quando estava terminando de datilografar, Oswald me falou que tinha marcado um encontro com Leila. “É uma aventura que me interessa. Quero ver se a garota é virgem. Apenas curiosidade sexual.” Oculte o choque tremendo que essas palavras produziam. Tínhamos decidido pela liberdade absoluta pautando nossa vida. Era preciso que eu soubesse respeitar essa liberdade. Sentia o meu carinho atacado violentamente, mas havia a imensa gratidão pela brutalidade da franqueza. Ainda hoje o meu agradecimento vai para o homem que nunca me ofendeu com a piedade. Consegui, eu me lembro, gracejar, não propriamente por simulação, mas para impor-me a aceitação fria do fato. (GALVÃO, 2005, p. 63).

A liberdade sexual proposta nesse relacionamento não parece ser recíproca. Em nenhum momento do diário, Pagu cita alguma situação em que ela, casada com Oswald, tenha feito uso dessa liberdade. Em passagens como essa, Pagu, sem utilizar o nome, fala das violências psicológicas sofridas por ela dentro do seu relacionamento com Oswald. E a sua gratidão pela sinceridade de Oswald demonstra o quanto ela foi dura consigo e o quanto considerava importante não viver enganada, sendo traída como muitas mulheres são, o fato dela saber, causava nela a sensação de igualdade, de não ser enganada. Entretanto, essa violência parece ser maior do que a que as demais mulheres sentem, porque, ao fazê-lo, Andrade age como se ela não tivesse sentimento, como se fosse capaz de aceitar qualquer coisa.

5.2.3 A dissimulação e a dor do ser

A dissimulação e o sofrimento são sentimentos incisivos no relato de Pagu. Além de dissimular seus sentimentos e vontades por preconceito aos estabelecidos e ao comum, ela também dissimulava por medo de ser imitada. Toda tragicidade que envolvia seu ser era sufocada na presença de Syd, sua irmã, por medo de ser-lhe um espelho que a levaria para o

“caminho de trevas” no qual se encontrava. Ela descreve-se claramente como infeliz, vacilante em contraponto ao que Syd ambicionava e admirava nela: “Acreditava na minha coragem, na minha força, na minha vontade, no meu raciocínio.”

SD22: Syd se prendeu a mim. Syd é um marco doloroso. É atroz a gente sentir que fabrica qualquer coisa contra a vontade. Syd me apareceu um dia. Era domingo. Eu estava à janela. Ela descia a rua, vindo da matinê com amiguinhos. O vestido branco muito curto. Aquele que deixava ver a calcinha. Os cabelos quase loiros. Tive pavor quando pensei que ela devia crescer. Chorei tanto nesse dia, inexplicavelmente, pois tenho apenas dois anos mais que ela. Ela era uma criança que não devia sofrer. Eu, uma mulher complicada.

Mas Syd cresceu. Ambicionando meus gestos, meus atos. Se plasmando em mim. Se constituindo em mim. Acreditava na minha coragem, na minha força, na minha vontade, no meu raciocínio. A minha iniciativa era a dela e me seguia procurando personalidade aparente. Dor de punhais que se introduzem para conhecer o avesso. É difícil explicar essa espécie de prisão dolorosa. Saber que a vida, a maneira de ser, pretende ser repetida. Eu adorava Syd. Eu era infeliz e vacilante. Mas queria ser infeliz sozinha. Ser sozinha. Mas a perseguição de dependência era brutal, eu ansiando e preparando uma fuga: só a separação libertou-me em parte da identidade. Eu não sei se compreende, Geraldo, o terrível das sensações. Lembra-se de um conto do Poe a que eu me referi um dia? Impressionou-me, porque eram ali tratados, com toda a intensidade, os tormentos que eu mesma tenho sofrido. O nosso reflexo objetivo. A tortura de se presenciar minuciosamente a repetição do eu: Era tão atroz, Geraldo, perceber o riso repetido, as lágrimas repetidas, os sentimentos, os interesses. Eu passei a me ocultar, a sorrir todo o tempo, a esconder meu ódio e meus sentimentos. Para que não fossem repartidos. Horrível, porque não havia realidade, nem consciência. Não havia simples consciência de ideias, de gestos, de sensações. Era uma prisão mortal, que estava me levando à obsessão, à ideia fixa. Durante muito tempo, a minha vida foi só simular para libertar-me, por desespero de perceber que a simulação era acompanhada. (GALVÃO, 2005, p.58-59).

O modo de dizer autentica a mensagem quando ela interage com o interlocutor afirmando não saber se é possível ser compreendida, o que provoca um ar de sinceridade, e ao exemplificar as sensações com um conto de Poe: “Eu não sei se compreende, Geraldo, o terrível das sensações. Lembra-se de um conto do Poe a que eu me referi um dia?”.

4.2.4 A descoberta do corpo e do prazer sexual

Em determinado momento do diário, a enunciadora fala sobre um tema que desperta a atenção para a contraposição de uma das imagens que projetaram nela, o de fêmea fatal.

SD23: Oswald procurou meu corpo. Era a primeira vez, depois do nascimento de Rudá. O meu filhinho já tinha mais de dois meses, mas a minha dieta se prolongara por causa da febre pós-parto e da crise que tivera com sua doença. Então, comecei a compreender que se podia conseguir mais do ato sexual, que para mim nunca passara de uma dádiva carinhosa de meu corpo ausente.

Mas, quando todos os meus nervos, que só conheciam a oferta, começaram a procurar, quando toda a extensão começou a se fazer pequena para minha sensibilidade, surgiu a chicotada brutal,

ferindo mortalmente os meus sentimentos afetivos. Todo o respeito por esses sentimentos desapareceu diante do que me pareceu imundície, jogada por Oswald naquele momento definitivo. Ele não compreendeu do que significava para mim o descobrimento sexual que meu filho me trouxera, nem das reações. “Você quer gozar com o empregadinho que traz o café? Não é verdade que você o deseja?” Essa, no meio de outras frases que me afastaram, afastaram... Não sei, Geraldo, se você pode compreender o que senti naquela noite. Oswald mostrou-me demais. E tive-lhe nojo. Nojo e ódio pela decepção que me feria. Senti o ato sexual repousado numa repugnância eterna. Nunca mais poderia suportar Oswald e julguei nunca mais poder suportar o contato masculino. Mudaria minha opinião mais tarde, mas, naquele momento, meu amigo, não exagero ao falar de minha aversão pelo homem, tendo até reações estomacais, por sentir-me inundada de obscenidades. E pensei no dia cheio de esperança, na tarde linda, no empregadinho de cara redonda de bobo, cheia de saliências de pus. E naquele homem ao meu lado, auxiliando o coito sórdido com oferta de machos. Talvez, numa outra ocasião, a minha reação não fosse tão intensa, nem me surpreendesse tanto, mas naquele momento foi odiosa. E nem as lágrimas de dor e repugnância foram compreendidas. Foram a única expressão da minha dor e revolta. Mas foram atribuídas ao prazer, ao prazer que de fato sentira inicialmente, para minha vergonha e humilhação. (GALVÃO, 2005, p. 68).

Essa é uma passagem na qual ela conta sobre o momento em que descobriu a possibilidade de sentir prazer no ato sexual, que até então ela entendia como uma doação de via única, é o descobrimento do próprio corpo que emerge e, ao mesmo tempo, da falta de empatia de seu companheiro que não compreende esse processo nem suas expressões. Sobressai ainda mais o ethos de mulher incompreendida, mas também o de pudica, ou seja, de uma mulher que tem pudor, vergonhas e constrangimentos, que não aceita qualquer tratamento e não é capaz de qualquer coisa, como se fosse uma máquina de sexo, como muitos a fizeram parecer. Essa fala desconstrói a imagem de fêmea fatal construída em torno da imagem dela.

5.2.5 Os conflitos nos sentimentos maternos

Outro tema que aparece na longa carta é a maternidade e os conflitos constantes que viveu por não se permitir sentir o amor que já existia, mas que ela desejava podar, e ainda por não se sentir completa sendo apenas mãe. E constrói sentidos conflituosos em relação à maternidade. Diz que a maternidade não lhe era suficiente para que se dedicasse somente a ela, mas ao mesmo tempo, o amor de mãe que não é algo intrínseco existia de sua parte, mas ela lutava contra.

O amor de mãe sempre foi romantizado nas sociedades patriarcais, a noção de amor incondicional e sacrifício maternos são ideias socialmente propagadas e instaladas no inconsciente. Pagu já problematizava isso. O esperado, numa sociedade conservadora, é que uma mãe se dedique ao máximo a seus filhos e que ele esteja acima de todos, principalmente

de si. E claro, se eram estabelecidos, era justamente o caminho que sua vontade determinante a faria evitar. Além da objeção à essa formação ideológica machista, existe a vontade de se dedicar a causas maiores e um sentimento de grandiosidade. Ela descreve esses conflitos se dizendo consciente e sofrida em relação a isso:

SD24: Disse apenas na minha última página: “o meu filho nasceu”. E basta. Tudo o mais esbarra com violência na contradição. A mãe. Mas não. É a negação da maternidade. As sensações são intangíveis. Apenas as essencialmente físicas podem ser lembradas com precisão. Surge a imensidade de planos superpostos, como no apogeu de um filme de grande intensidade fotográfica. Dentro, a infinidade mãe. E a destruição lenta das sensações dessa infinitude. Tudo fundindo. A necessidade é uma noção falsa. Agi violentamente contra a necessidade, subjugando o instinto, o impulso, aniquilando a dor que protesta. Fiz conscientemente tudo o que não queria, para destruir a vontade pura. É como se eu estivesse estrangulando meu filho, louca de amor por ele. Hoje, deixaria florescer naturalmente, sem estrumes. Diria apenas: “Vive!”. (GALVÃO, 2005, p. 69).

Pagu, na SD24 como em outras SDs joga com sentidos opostos, demonstrando os conflitos que estão envolvidos em seus sentimentos maternos. Ela se diz ter lutado contra o amor que sentia por Rudá. Ao mesmo tempo, diz não ter interesse materno na mesma intensidade que tinha o interesse de fuga e expansão:

SD25: Arrancar o seio do bebê, quando ele é ainda tão novinho... Quando uma doença grave principia a renascer... Partindo, deixei o alvorecer dos primeiros sorrisos e não pude acompanhar os sintomas que se gravam no olhar da primeira compreensão humana. Deixei tudo isso, sem querer confessar que o meu interesse materno era menor do que o meu desejo de fuga e expansão.

Quando o navio abandonou o cais, ainda procurava justificar-me. “Não devo criá-lo muito agarrado a mim”. E o que não disse, nem ousava confessar sentir era que toda minha pessoa me absorvia muito mais. (GALVÃO, 2005, p. 69).

No próximo texto, enunciadora fala de forma muito clara sobre o medo da rotina de uma mulher burguesa daquela época, o medo de viver presa aos afazeres domésticos e maternos e a um casamento que não lhe era mais saudável, mas que poderia prender-lhe pela necessidade de uma família, pela solidão, pela vontade de amar e ser amada. A compreensão de sua condição de mulher no século XX e a fuga dessa posição contribuem fortemente para a construção do ethos de mulher consciente, transgressora e feminista que circula atualmente em torno do nome dela no imaginário brasileiro.

SD26: A doença de Rudá não era grave. Quando cheguei a São Paulo, ele já estava bom. Vi-me novamente naquela casa que não era minha. Não me dedicava suficientemente a meu filho para que ele me bastasse. Não estava no meu lugar. A minha inquietação ansiava por quebrar aquele ambiente. Oswald continuava a mesma vida, mas sentia que se voltava mais para mim. Eu tinha, sobretudo, medo, pavor de me prender novamente. (GALVÃO, 2005, p. 73).

A vontade determinante de subverter ao esperado sempre era instintivo e chegou a incomodá-la na instantaneidade de suas respostas a perguntas e acontecimentos:

SD27: Foi com um tom de infinito desprezo que R. atacou o que designava como aviltante sentimentalismo. E com toda vontade de atingir arranjou essas palavras:

- E se seu filho morresse hoje?

Senti apenas que estava muito quente e pude responder:

- Os filhos dos trabalhadores estão morrendo de fome todos os dias. O importante é a nossa tarefa de agora.

Porque falei assim? Senti como falseados os meus sentimentos. Estava também principiando a formar atitudes. Odiei-me pela cretinice e desonestidade comigo mesma. (GALVÃO, 2005, p. 83).

R. é um membro do Partido Comunista que trabalhava com ela na ocasião. Nesse sentido, é possível notar as denúncias que ela faz sobre o lugar de descrédito ao qual as mulheres eram resignadas pelo Partido Comunista, onde elas não tinham visibilidade nem respeito, sobretudo a ela que é encarada como uma mulher capaz de qualquer coisa. Esse tema é explorado na próxima subseção.

5.2.6 A resignação e a desilusão com o Partido Comunista.

Nos próximos enunciados, o sujeito discursivo reconhece sua resignação quase que total ao Partido Comunista. Foram muitas as situações descritas em que as imagens de Pagu aparecem como de determinada, de apaixonada e de abnegada aparecem, conforme os acontecimentos vão sendo lembrados, aparecem também e gradativamente as imagens de submissa e de indignada. Desse modo, a imagem da enunciativa passa de apaixonada à chocada. E a do Partido Comunista, de seu ídolo a objeto de construção de seu antiethos.

SD28: Entrei na casa pequenina para o dom absoluto de minha pessoa. Entreguei-me completamente. Só ficou o êxtase da doação feita à causa proletária. Perturbada, desde esse dia, resolvi escravizar-me espontaneamente, violentamente. O marxismo. A luta de classes. A libertação dos trabalhadores. Por um mundo de verdade e de justiça. Lutar por isso valia uma vida. Valia vida. (GALVÃO, 2005, p. 81).

SD29: A entrada no partido para mim era um privilégio que assombrava minha insignificância. O convívio dos militantes, um dom que eu faria tudo por merecer. Preparei-me para ser recebida num ambiente de fortes e bons; de absolutamente honestos e valorosamente revoltados. Só poderia ser assim a vanguarda dos trabalhadores, a direção dos povos na revolução proletária. Devia ser linda a fraternidade reinante entre os participantes da luta ideal pela causa que todos compartiam. Fraternidade e espírito de sacrifício. Liberdade absoluta de convicção e, principalmente, pureza. (GALVÃO, 2005, p. 81).

Nas SDs 28 e 29, as imagens de apaixonada e determinada a se doar totalmente à causa proletária. A enunciativa descreve os sentimentos da mulher que ainda acreditava absolutamente na capacidade de mudança do mundo pela luta de classes.

Em seguida, na SD30, ela relata a primeira decepção: a decisão do Partido de responsabilizá-la por sua fala no comício em homenagem a Sacco e Vanzetti. Eles fizeram uma declaração em seu nome, afirmando que a desordem fora provocada por ela e que falara sem a permissão do Partido, embora eles a tenham obrigado a continuar falando mesmo com a intervenção policial da qual resultou a morte de Herculano um estivador negro, fuzilado pela polícia que morreu nos braços de Pagu. E daí por diante, ela expõe seus descontentamentos com as ações de membros do Partido, nas quais emergem as imagens de submissão e indignação ao mesmo tempo.

SD30: A humilhação foi dura, doeu demais, o meu orgulho e o que chamava dignidade pessoal sofreram brutalmente. Mas achei justa a determinação e aprovei o manifesto, disposta a todas as declarações ou fatos que exigisse de mim o meu Partido. (GALVÃO, 2005, p. 91).

Após um período presa, Pagu é posta em liberdade pela polícia para seguir seus passos e ter acesso a mais membros do partido e conseguir mais prisões. Nesse período ela viveu em peregrinação em diversos lugares inseguros com Oswald, que também estava foragido. Rudá ficou aos cuidados de uma governanta, mais para frente, ela se demitiu por falta de pagamento e eles ficaram com filho em um lugar mais ou menos definitivo. Esse estado de união entre os três, em que Pagu viveu seu amor por Rudá e tenha em Oswald um amigo, durou pouco tempo, somente até as ordens arbitrárias do partido. As quais despertam a indignação da enunciativa:

SD31: (...) O partido exigia que eu seguisse para o Rio. Já havia repousado suficientemente e devia voltar à luta. Eu esperava esse chamado, mas não a intromissão na minha vida particular. Exigiam a minha separação definitiva de Oswald. Isto significava deixar meu filho. A organização determinava a proletarização de todos os seus membros. Eu não era ainda membro do Partido Comunista. O preço disso era meu sacrifício de mãe. Ainda havia condições mais acentuadas. Oswald era considerado elemento suspeito por suas ligações com certos burgueses, eu teria que prescindir de toda e qualquer comunicação com ele e, portanto, resignar-me à falta de notícias de meu filho. Não discuti as exigências. Apenas transmiti tudo a Oswald quando chegou, bem como minha resolução de partir. A atitude de Oswald foi simpática. Não opôs o menor obstáculo. Disse-me apenas que esperaria a minha volta, que eu teria sempre um lugar junto dele. Que voltasse quando quisesse. (GALVÃO, 2005, p. 94-95)

SD32: Num comício que o partido realizou no largo da Lapa, a fábrica teve trabalho paralisado. Os operários seguiram incorporados para participar da manifestação. Uma nota brutal nesse dia: uma criança foi pisada por um cavalo. O ferimento não foi grave, mas a meninazinha perdia muito sangue, desfalecida nos braços da mãe, que era uma companheira de Partido, obrigada a passear com uma bandeira ensanguentada, antes de poder cuidar da filha. A mãe, sobrepujando a revolucionária, quis protestar, mas os camaradas obrigaram-na quase à força a falar, a fazer um discurso, antes de entregar a criança para os curativos. (GALVÃO, 2005, p.94-95).

Depois de passar um grande período trabalhando como operária para que pudesse ser membro do Partido, Pagu adoeceu por falta de alimentos, más condições sanitárias no quarto que alugara, quando isso aconteceu, o partido que exigiu que ela se afastasse de Oswald a mandou de volta para o mesmo. Pagu, conhecendo a situação e a contradição se recusou a ir e

ficou sozinha. Posteriormente, o partido insistiu que ela fosse morar com Oswald, pois além de melhorar sua situação, seria interessante para a organização porque precisavam de intelectuais simpatizantes para desenvolver o trabalho financeiros. Depois ela foi expulsa novamente do partido e instruída a contribuir intelectualmente de forma anônima, foi assim que escreveu Parque Industrial. Pouco tempo depois, ela foi convocada para trabalhar, dessa vez, no comitê fantasma, um organismo ilegal do partido. Ela teria contato apenas com CM11, quem lhe transmitiria as ordens, ela, por sua vez, não deveria questionar nada, apenas obedecer.

SD33: Lama. Estava no meio da lama, cheirando a podridão. Salvava-me o espírito de sacrifício pela causa que me levava à lama. Sempre pensei em lutar abertamente pela liberdade do proletário. Gritar aos quatro cantos a minha decisão, a minha opinião. Atacar o inimigo frente a frente, orgulhosa e vibrante como os bons ladrões dos folhetins, que roubam deixando o nome estampado nos locais de delito. Combater lealmente, fiel a um código de honra – sem timidez, hipocrisia, sem mascarar minhas ações.

Mas eis-me membro do Comitê Fantasma, obrigada à dissimulação, à intriga, ao fingimento, a toda espécie de maquiavelismo repugnante... (GALVÃO, 2005, p. 117).

O partido exigia que ela se encontrasse com homens importantes que demonstravam algum interesse pela luta de classes para retirar informações ou apenas sondar se eles realmente simpatizavam com o movimento para que pudesse obter ajudas. E Pagu já se mostrava constrangida e contrária.

SD34: - Quer dizer que o partido me nomeou para os trabalhos do sexo. É uma estupidez. E ainda por cima ridículo, ridículo...

- Não. Eu nunca farei nada disso. Estão todos enganados comigo. Naturalmente, vocês vão atrás dos boatos que correm a meu respeito no mundo burguês. Pensam que uma aventura a mais ou a menos para mim não tem importância nenhuma. Uma mulher de pernas abertas: é o que vocês pensam. Nunca, nunca farei nada disso. Façam de mim o que quiserem. Mandem-me matar, que eu matarei seja quem for, mas abertamente, me responsabilizando por tudo. Mandem-me matar Getúlio ou o diabo. Mandem-me botar fogo na polícia ou enfrentar o Exército inteiro. Dar tiros na avenida ou ser morta num comício. Mas não tomar parte em palhaçadas ridículas, com o sexo aberto a todo mundo.

(...) E pensei nas outras mulheres do Partido.

- Por que não exigem isso de fulana, fulana e fulana? Elas vivem calmamente com seus companheiros e filhos. E nem por isso deixam de ser revolucionárias. Você pensa que eu poderia estar com um homem qualquer e chegar em casa com a mesma cara? Pensa que eu ousaria esconder de Oswald ou que poderia ocultar dele o que passasse neste sentido? (GALVÃO, 2005, p. 127).

A consciência de Pagu sobre a manipulação do partido com sua imagem já está bem presente na SD34, quando ela diz que se recusa a fazer os trabalhos solicitados por eles. Ao mesmo tempo, ela se pergunta: “Por que não exigem isso de fulana, fulana e fulana?”, possivelmente, ela já percebia ali, como comenta sobre os boatos do mundo burguês, a imagem que as pessoas tinham dela, essa imagem de mulher fatal, de artilosa, que usa o corpo, a beleza e a sedução para conseguir o que quiser. Fica evidente a sexualização de seu corpo pelo partido

comunista. Ela menciona a imagem que ela sabia que circulava na sociedade burguesa a seu respeito e desconstrói essa imagem trazendo sua narrativa sobre si em contraponto com a imagem comum àquelas pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste empreendimento, considera-se que a proposta de pesquisa foi contemplada. Lidou-se com muitos textos de autores diversos que estudam Pagu enquanto mulher militante e mulher escritora, que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Trabalhou-se ainda com um grande arquivo de leitura da produção da escritora, do qual foram selecionados textos da coluna jornalística *A mulher do Povo* e a autobiografia *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*.

Constata-se, diante do material de análise, que a enunciadora, nos textos de *A mulher do Povo*, se apresenta a partir do *ethos* dito de mulher revolucionária, mas o *ethos* mostrado traz a luz uma mulher ansiosa por uma causa e inexperiente, por demonstrar falta de propriedade nas acusações feitas a outras mulheres.

Com suas publicações em *O Homem do Povo*, a enunciadora deixa aparecer um *anti-ethos* construído no qual ela se coloca como uma mulher rival de outras mulheres, a quem sempre são direcionadas duras críticas. Ela mostrou-se também inexperiente e ansiosa por enfrentamentos e, portanto, despreparada, pois, ao atacar as feministas, Maria Lacerda de Moura, Bertha Lutz e o Batalhão de João Pessoa, demonstrou falta de conhecimento das pautas dessas mulheres e incompreensão de suas condições de existência. Entretanto, é possível já ver também sendo formada a imagem da Pagu extremamente corajosa e forte, capaz de enfrentar qualquer instância da sociedade para defender aquilo que pensa, mesmo que ainda despreparada.

Já na carta endereçada a Geraldo Ferraz, as imagens construídas partem de uma mulher/narradora consciente de suas escolhas, de sua singularidade, de sua solidariedade, de seus arrependimentos e de suas dores e que apresenta, a(o) leitor(a), diversas facetas da Pagu do passado e do presente, complexa e múltipla.

Mas, a partir da retrospectiva que faz de si mesma no passado, é possível conhecer também a Pagu de tempos anteriores, inclusive da época em que escreveu a coluna *A mulher do povo*. Então, emerge dessas materialidades a imagem de uma Pagu agora livre e desiludida, consciente do seu anterior estado de devoção e escravidão à subversão. Pois foi, por muito tempo, escrava de si mesma, escrava do subversivo, da indiferença e da devoção ao mesmo tempo. Ela se proibiu em alguns momentos de defender seu orgulho no relacionamento com Oswald de Andrade, de sentir o amor que sentia por Rudá, de trabalhar intelectualmente, quando o partido assim determinava, de se defender das acusações feitas pelo partido de

agitadora, na ocasião da morte de Herculano, de mostrar sua personalidade e sua dor à Syd (sua irmã) de manter contato com Oswald de Andrade, etc.

Há, no imaginário brasileiro, a imagem da Pagu “fêmea fatal”. Mas, nas materialidades que analisamos, a imagem de fêmea fatal é desconstruída. A mulher que era conhecida por sua beleza encantadora, que era desejada em todos os ambientes, descobrira tardiamente o prazer sexual, que já viera acompanhado da repulsa e da vergonha.

A diferença de incorporação entre leitores da época em que Pagu viveu e os dos dias atuais pode ser explicada pela incongruência entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado em textos de mesmo tom e época dos de *A mulher do Povo*. Enquanto seu texto mais coerente, consciente e maduro foi publicado somente em 2005, quatro décadas depois de sua morte. Conhecido, portanto, pelos leitores atuais, não pelos que viveram em sua época.

Constata-se que as imagens que Pagu constrói de si são múltiplas e não são tão delimitadas quanto as que circulam no imaginário brasileiro. São imagens que mesclam vida e obra, passado e presente, submissão e subversão, resignação e indignação, revolução e aceitação, amor e indiferença, paradoxalmente construídas.

7 REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- CARREON, Renata de Oliveira. **O político em São Carlos: Um estudo das imagens de si no discurso dos candidatos a prefeito das eleições 2008**. Dissertação (mestrado em linguística) – Universidade Federal de São Carlos. São Paulo: 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DIAS, Mabel. **Mulheres Anarquistas: o resgate de uma história pouco contada**. 2003.
- ERNEST-PEREIRA, Aracy. **A falta o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo**. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Anais do IV SEAD... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/sead4_simposios.html> Acesso em: 09 de fev. de 2021.
- FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana Lost. **Da maquinaria do dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p.133-151, jan./abr. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREIRE, Tereza. **Dos escombros de Pagu: um recorte biográfico de Patrícia Glavão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2008.
- GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GENNARI, Adilson Marques. **Dois teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Anais do 6º Colóquio Internacional Marx Engels, Campinas: IFCH/UNICAMP, 2009 V.1.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. [1971] **A semântica e o corte Saussuriano: língua, linguagem, discurso**. [1971] In: BARONAS, Roberto Leiser. Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.
- HOLANDA, Sarah Pinto. **Um caminho à liberdade: o legado de Pagu**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2014.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, Solange; Grigoletto, Evandra (Org.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad: Freda Indursky. Campinas: Pontes, 2005.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S;

LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MESTI, Paula Camila; BARONAS, Roberto Leiser. **A reconstrução do ethos discursivo: reflexões sobre as imagens de si em sujeitos em interação**. Campinas. Cadernos de Estudos Linguísticos. v.61, p. 1-13, 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PONTES, Heloisa. **Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo**. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp. 431-441.

REID, Taylor Jenkins. Os sete maridos de Evelyn Hugo. Trad. Alexandre Boide – 1ª ed. São Paulo: Pararela, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social, métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ROCHA, Evandro. LANA, Lígia. **Imagens de Pagu: trajetória midiática e construção de um mito**. Cadernos Pagu (54), 2018.

ROCHA, Karine. **Paixão Pagu: A desconstrução do mito da *famme Fatalle***. Rocha Revista Fórum Identidades. Ano 10, vol. 21. mai-ago, 2016.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado; ROCHA, Renato. **Quase sem querer**. EMI-Odeon: 1986. 4:41 min.

SANTOS, Sidnay Fernandes dos. **Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira:** uma leitura discursiva. São Carlos: UFSCar, 2010.

SOARES, Alexandre Ferrari; SELLA, Aparecida Feola; COSTA-HÜBES, Terezinha. **Maingueneau**. *IN*: OLIVEIRA, Luciano Amaral. Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013.

TRINDADE, Natália. Pagu: Liberdade sexual feminina, opressão e diversidade. 2020.
Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=hv_75UImL74&list=PLZOhQw6rxxr6TQ1vWQ_nDxblBm47ahlxk&index=8 Acesso em: 20 de abr. de 2021.

8 ANEXO

Anexo 1- Texto nº 1 *Maltus Alem*

A MULHER DO POVO

Maltus Alem

Excluída a grande maioria de pequenas burguezas cuja instrução é feita nos livrinhos de belleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semi-familiar dos cocktails modernos — temos a atrapalhar o movimento revolucionario do Brasil uma elitezinha de «João Pessoa» que sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para «mulheres cultas» achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo.

Estas feministas de elite que negam o voto aos operarios e trabalhadores sem instrução, porque, não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece que a limitação de natalidade quasi que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida economica e social ainda estão para ser resolvidos. Seria muito engraçado que a illustre poetisa D. Maria Lacerda de Moura fosse ensinar a lei de Maltus ao sr. Briand, para que elle evitasse a guerra mundial atirando a bocca avida dos imperialistas gananciosos, um punhado de livros sobre maternidade consciente. Marx já passou um sabão no celibatario Maltus, que desviava o sentido da revolução para um detalhe que a Russia por exemplo já resolveu. O materialismo solucionando problemas maiores faz com que esse problema desapareça por si. O batalhão João Pessoa» do feminismo ideologico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor actuar no proximo Congresso de Sexo.

Pagó

Anexo 3- Texto nº 8 Normalinhas

O HOMEM

A MULHER DO POVO

normalinhas

As garotas tradicionais que todo o mundo gosta de ver em S. Paulo, riso-nhas, pintadas, de saias de cor e boi nas vivas. Essa gente que tem uma probabilidade excepcional de reagir como moças contra a mentalidade decadente, estraga tudo e são as maiores e mais abomináveis burguezas velhas.

Com um entusiasmo de fogo e uma vibração revolucionaria poderiam se quizessem, virar o Brasil e botar o Oyapock perto do Uruguay. Mas D. Burguezia habita nellas e as transforma em centenas de inimigas da sinceridade. E não raro se zangam e descem do bonde, se sobe nelle uma mulher do povo, escura de trabalho.

A gente que as vê em um bandinho risonho pensa que estão forjando alguma coisa sensacional, assim como entram em grupo na Igreja de S. Bento, derubar altar, padre estola, sacristia... Nada disso. Ou commentam um tango idiota numa fita imbecil ou deturpam os fatos escandalosos, de uma guria mais sincera, em luta corporal com o controle cristão. A grupam-se para abandonal-a. A camarada tem de se andar sozinha... É uma immoralidade... Ao menos, se fizesse escondido...

É isso mesmo o que ellas fazem.

Eu, que sempre tive a reprovação dellas tolas; eu, que não mentia, com as minhas atitudes, com as minhas palavras, e com a minha convicção; eu que era uma revolucionaria constante no meio dellas, eu que as aborrecla e as abandonava voluntariamente enojada da sua hipocrisia, as via muitissimas vezes protestar com violencia contra uma verdade, as via tambem com o rosto enfiado na bofeia escolar e pernas reconhecíveis e tremulas subirem a baratas

Impassiveis para uma garçonere vulgar.

Ignorantes da vida e do nosso tempo! Pobres garotas incurraladas em martinees oscilantes, semi-aventuras, e clubs cretinos.

A variadas umas pelas outras, amedrontadas com a opinião, azoimando preconceitos e corvejando disparates, se recalcam as formadoras de homens numa senda inteiramente incompativel com os nossos dias. E vão estragar com os ensinamentos falsos e moralistas a nova geração que se prepara. É caso de policia! O governo como bom revolucionario que se diz, devia intervir com uma dezena de grillos numas visitinhas pela casa corruptora.

Com uma duzia de palmadas ellas se integrariam no verdadeiro caminho.

* * *

Acho bom Vocês se modificarem pois que no dia da reivindicação social que virá, vocês servirão de lenha para a fogueira transformadora.

Si Vocês, em vez dos livros deturpados que lêem, e dos beijos sifiliticos de meninos desclassificados, voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionaria que se forma em todo o mundo e estudassem, mas estudassem de fato, para compreender o... que se passa no momento, poderiam, com uma convicção de verda, as proletarias, que não querem ser, passar uma raizelra nas velharias enfevejadas que resistem e ficar na frente de uma mentalidade actual como authenticas pioneiras do tempo novo.

* * *

Vocês ambem não querem que nem os seus colleguinhas de Direito, trocar bofetões commigo?

p 2 3 ú

O HOMEM DO POVO, Nº8, SEGUNDA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1931.